

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

WALISSON RODRIGUES FREITAS

“TU ÉS O CRISTO, O FILHO DO DEUS VIVO”:
DUAS NATUREZAS – UMA PESSOA – ÚNICO SALVADOR
Análise e Síntese Teológica

GOIÂNIA-GO
2021

WALISSON RODRIGUES FREITAS

“TU ÉS O CRISTO, O FILHO DO DEUS VIVO”:
DUAS NATUREZAS – UMA PESSOA – ÚNICO SALVADOR
Análise e Síntese Teológica

Monografia apresentada ao curso de graduação em Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Professor Orientador – Dr. Pe. Eli Ferreira Gomes.

GOIÂNIA-GO
2021

*Para honra e Glória do Senhor,
A Dom Antônio Fernando Brochini, CSS,
Neusângela Rodrigues Souza,
Aparecida das Graças Borba Rodrigues,
todos os meus familiares,
meus irmãos biológicos,
aos irmãos que Deus me deu e
a todo povo de Deus.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

a Deus, pelo dom da vida e porque chamou-me para o Seu serviço, em Cristo Jesus.

À Diocese de Itumbiara, na pessoa do meu Bispo, Dom Antônio Fernando Brochini CSS, que me acolheu no clero e tanto me ajudou no discernimento da Vontade de Deus. A todos os padres da querida Diocese da qual sou servo, irmão e, em breve, pastor.

Aos meus irmãos diocesanos, de turma e de caminhada, que juntos comigo velejam no mesmo barco rumo à santificação e à consagração total a Jesus.

À minha família, que rezando por mim coloca-se sempre à disposição para me ajudar. Vocês são o dom mais precioso que Deus poderia me dar. Por vocês que também doo a minha vida e vocação.

Enfim, manifesto minha inteira gratidão ao Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz e a Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, EFPH – PUC-GO. Terminando o curso de bacharel em Teologia, sou grato a Deus por todos os dons que, por Sua graça, pude experimentar. Sempre levarei o zelo e a dedicação que todo o corpo diretivo e docente dispensa para o bom êxito deste curso. Esta instituição católica de ensino, com seus erros e acertos, isto é, *semper reformanda*, cumpriu com sua essencial função, que é encaminhar-me à Verdade e à Comunhão.

Minha gratidão em especial ao Professor Dr. Pe. Eli Ferreira Gomes, da Diocese de Anápolis-GO, que me orientou com muita dedicação e atenção, como um mestre paciente, ao bom êxito desta pesquisa. Agradeço a apreciação como leitores, ao Dr. Pe. José Luiz de Castro e ao Dr. Pe. Joaquim de Jesus Rocha Cavalcante, da minha Diocese de Itumbiara. A todos envolvidos direta ou indiretamente na composição deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Este agradecimento se torna mais especial, pois concluo um período importante e belo de minha formação sacerdotal. Transcorridos os oito anos da etapa inicial de um caminho que termina quando o Senhor me chamar para junto Dele, quero manifestar também meu reconhecimento ao Seminário Maior Interdiocesano São João Maria Vianney. Aos reitores que tive, Dom Júlio Gomes, Dom Dilmo Franco e ao Pe. José Luiz da Silva e aos demais formadores, Pe. Nixon Félix, Pe. Mário Correia, Pe. Pedro Fleury e Pe. Annesh Padassery. Ao meu diretor espiritual, Pe. João César Lobo, que me ajudou muito a ser o que eu sou hoje.

Por fim, que fique, dentre todas possíveis palavras, a gratidão que brota do meu coração e se converte em oração.

“Sou agradecido para com aquele que me deu força, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me julgou fiel, tomando-me para o seu serviço.”

1 Tm 1, 12.

“Levanta-te e unge-o: é este!”

1 Sm 16, 12.

RESUMO

O estudo que nos empenhamos refere-se ao grande tratado da Teologia sobre a Pessoa de Cristo e Sua obra, isto é, quem é Jesus e a obra redentora de Sua Encarnação. No entanto, nosso estudo, embora abarcando os dois grandes tratados da teologia dogmática, a saber, a Cristologia e a Soteriologia, se deterá especialmente nas elucubrações que se referem ao ser de Cristo e suas atribuições. No desenvolvimento da compreensão da figura de Jesus Cristo, muito se construiu na história, com os concílios, as proclamações dogmáticas e até mesmo as heresias contribuíram para a construção da figura de Jesus de Nazaré. Exporemos discussões e constatações presentes nos dogmas cristológicos e como na história da Igreja foram ganhando forma. As linhas que se seguem partem da premissa basilar de que Cristo, Verbo Encarnado se fez homem para nossa Salvação. Sendo assim, em Cristo a natureza humana e a natureza divina numa união hipostática são a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, logo a Pessoa de Cristo é Divina. Chegada à consumação dos tempos, vindo de junto do Pai, por amor e misericórdia redime e liberta o homem, como o verdadeiro Messias sofredor. Contudo, vemos anteposto o que se levou séculos para ser formulado, assim, nosso esforço será o de expor a interpretação da Revelação dada pelo Magistério e pela Tradição Viva da Igreja. Assertivamente podemos dizer que neste século urgem debates, nesta área da fé que evidenciem quem é Aquele de quem tanto se escuta falar, mas de fato, pouco conhecido.

Palavras chaves: Jesus; Cristo; Natureza Humana; Natureza Divina; Messias; Amor; Misericórdia.

RIASSUNTO

Lo studio che intraprendiamo si riferisce al grande trattato di Teologia sulla Persona di Cristo e la sua opera, cioè chi è Gesù e l'opera redentrice della sua Incarnazione. Tuttavia, il nostro studio, pur abbracciando i due grandi trattati di teologia dogmatica, cioè Cristologia e Soteriologia, si concentrerà soprattutto sulle riflessioni che si riferiscono all'essere di Cristo e alle sue attribuzioni. Nello sviluppo della comprensione della figura di Gesù Cristo molto è stato costruito nella storia, con concili, proclamazioni dogmatiche; anche le eresie hanno contribuito alla costruzione fedele della rivelazione di chi è Gesù di Nazareth. Esporremo discussioni e scoperte presenti nei dogmi cristologici e come nella storia della Chiesa hanno preso forma. Le righe che seguono partono dal presupposto fondamentale che Cristo, il Verbo Incarnato si è fatto uomo per la nostra Salvezza. Così, in Cristo la natura umana e la natura divina in un'unione ipostatica sono la Seconda Persona della Santissima Trinità, quindi la Persona di Cristo è divina. Alla fine dei tempi, venendo dal Padre, con l'amore e la misericordia redime e libera l'uomo, come il vero Messia sofferente. Tuttavia, vediamo in anticipo quanto ci sono voluti secoli per essere formulato, quindi il nostro sforzo sarà quello di esporre l'interpretazione della Rivelazione data dal Magistero e dalla Tradizione Vivente della Chiesa. Affermativamente, possiamo dire che in questo secolo c'è urgente bisogno di dibattiti, in questo ambito della fede, che mostrino chi è Colui di cui si parla tanto, ma in realtà poco conosciuto.

Parole chiavi: Gesù; Cristo; Natura Umana; Natura Divina; Messia; Amore; Misericordia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 TU ÉS O CRISTO	12
1.1 NATUREZA HUMANA DE CRISTO	12
1.2 CARACTERÍSTICAS DOUTRINAIS E BÍBLICAS	18
1.2.1 Doutrinais	18
1.2.2 Bíblicas	22
2 O FILHO DO DEUS VIVO	25
2.1 NATUREZA DIVINA DE JESUS	26
2.2 CARACTERÍSTICA PESSOAL E BÍBLICA	31
2.2.1 Pessoal	31
2.2.2 Bíblica	35
3 O MESSIAS SALVADOR	42
3.1 O MESSIAS ESPERADO	43
3.2 O MESSIAS ENVIADO	45
3.3 A CONSUMAÇÃO DOS TEMPOS	48
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

O título de nosso trabalho é a confissão petrina: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Contudo, se tomarmos toda a passagem tirada do Evangelista Mateus 16, 13-20, a afirmação cristológica do Apóstolo Simão é sucedida por um dado eclesiológico muito importante, pois assim declara Jesus Cristo: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus.” (Mt 16, 17-19). Aqui se encontra a justificação fundamental de que a fé em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem para a Salvação do homem, é um dom, isto é, dádiva dada por Deus. Esta tarefa de confirmar na fé é transferida a Pedro, primeiro dos Apóstolos, que com as chaves da Igreja, mantém o anúncio de Cristo e Seu Evangelho. Vemos assim, que a motivação de tal pesquisa se encontra justamente na escuta atenta do que Deus quis revelar por meio de Sua Igreja.

Para embarcar em uma busca que fundamenta a fé de todo cristão católico, somos lançados ao *mysterium fidei* desde o batismo. Sabemos que a fé é um dom, ou seja, é dada e nutrida pela Igreja, e nós a desenvolvemos pela nossa *recta ratio*. Nestes tempos em que a fé em Cristo tem sido cada vez mais romantizada e menos racionalizada, temos a necessária atitude, como teólogos, de desvendar o véu da ignorância para dar abertura racional para o mistério. Portanto, esta jornada em busca do Cristo não é uma iluminação pessoal, mas categoricamente eclesial, não é arbitrária, mas belamente guiada. Vamos juntos, num veleiro, ao mar insondável dos mistérios divinos, impulsionados pelo sopro (*ruah*) do Espírito, sob o comando dos que receberam o leme do próprio Cristo e ao horizonte da razão darmos lugar a fé, àquela que recebemos ao entrar nesta barca.

A imagem da barca não é utópica, mas nos insere na realidade que este trabalho terá como fundamento. Sendo assim, temos uma única fonte para a elaboração deste trabalho: a Revelação. Esta, escrita pelos autores sagrados, transmitidas pela sagrada Tradição e interpretada pelo sagrado Magistério, cujo teólogo é servo e obediente.¹ Sendo assim, a título de referência deste trabalho, temos uma das principais obras cristãs, que serve como introdução, como o próprio nome indica, para se começar a estudar sobre Jesus Cristo,

¹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Instrução *Donum Veritatis***: Sobre a vocação eclesial do teólogo. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologia-n-vocation_po.html> Acessado em: 22/02/2021.

falamos da *Introdução ao Cristianismo*, do então Cardeal Joseph Ratzinger. Diz-nos o então Cardeal sobre os problemas da profissão de fé em Jesus hoje, ressaltando a liquidez da história e trazendo à tona o que ele chama de “uma associação verdadeiramente exorbitante entre *logos e sarx*”². Palavra e Carne são exatamente o paradoxo que ocupou e ocupa a história e seus grandes pensadores, pois precisamente este foi o feito divino que salvou a humanidade. Assim, contra toda ideia divina grega ou romana e todo pensamento, inclusive judaico, Deus tem um rosto.

A razão que sustenta todo ser se fez carne, isto é, entrou na história e se individualizou nela; aquele que cinge a história e a carrega em suas mãos passou a ser um ponto dentro dela mesma. A razão suprema de todo o ser já não se encontraria, a partir desse momento, na visão do espírito que se eleva por sobre o individual e o limitado para alcançar o geral; ela já não estaria simplesmente dada no mundo das ideias que ultrapassa o individual e apenas se reflete fragmentariamente dentro dela; ela poderia ser encontrada em meio ao tempo, rosto de um ser humano.³

Nas apalpadelas da inolvidável construção sistemática cristológica, somos introduzidos no mistério da Encarnação, donde brota a fonte inexprimível da novidade perene da Revelação. Para encabeçar este estudo, dois grandes autores serão os preceptores para a nossa construção argumentativa, são eles Estêvão Bettencourt, OSB (1919-2008), e Françoá Costa. Sendo assim, com este último autor delimitaremos nossa metodologia cristológica, posto que há dois modos de olhar a fé presente nos concílios do primeiro milênio, a saber, uma cristologia descendente e uma ascendente, com Françoá preferimos a metodologia descendente. Pois, assim declara o autor: “As nossas premissas maiores foram recebidas da Revelação e é a partir delas que devemos chegar às nossas conclusões teológicas, inclusive como respostas de fé a Deus, que de fato se revelou.”⁴

Algumas bases bíblicas, especialmente dando ênfase aos Evangelhos, serão amplamente aproveitadas das contribuições de vários autores, contudo, realçamos a reta pesquisa que Bettencourt faz como fundamentação bíblica. Nos Evangelhos veremos como a Revelação bíblica nos insere no mistério da Encarnação e Redenção. Portanto, “o teólogo” São João, assim chamado pelos padres da Igreja, é o Evangelista que se preocupará em apresentar Jesus à comunidade cristã, considerando que seu relato sucede aos Evangelhos Sinódicos em quase 30 anos. Quanto ao Evangelho de São João, realça Bettencourt:

² RATZINGER, Joseph – PAPA BENTO XVI. **Introdução ao Cristianismo** – Preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 145.

³ RATZINGER, 2015, p. 145

⁴ COSTA, Françoá. **Jesus Cristo, o único Salvador: Cristologia-Soteriologia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2019, p. 29.

Começando seu Evangelho pela referência ao Verbo e ao Filho de Deus (existe antes do mundo), São João realiza o que se chama “a Cristologia de cima para baixo”, a Cristologia que parte da premissa de que Jesus é Deus, que se digna de viver na carne humana. Pode-se dizer que os Evangelhos sinóticos tinham outro modo de ver, ou seja a “Cristologia de baixo para cima”, pois começam por apresentar o homem Jesus, que aos poucos se vai revelando como Deus e morre precisamente porque “blasfemou” ou se professou “o Filho de Deus”.⁵

Assim, estudando os primeiros concílios do primeiro milênio da era cristã, veremos o objetivo primário de calcar compreensão mais clara sobre a doutrina de Jesus Cristo, por isso, estudaremos como se compuseram os concílios cristológicos e quais foram suas sistematizações. Assim, “conscientes de que o Concílio de Calcedônia (451) é o grande sínodo da cristologia, não podemos prescindir dos outros concílios da antiguidade que, direta ou indiretamente, proclamaram doutrina clara e importante sobre Jesus Cristo.”⁶ São os precedentes ao Concílio de Calcedônia, o de Nicéia I (325), Constantinopla (381) e Éfeso (431) que farão importantes proclamações cristológicas.

O ser de Cristo, isto é, sua essência, foi a maior inquietação dos primeiros cristãos, fato atestado pelo surgimento das grandes contribuições, mas também das heresias, como a de Ário, por exemplo. Bebendo das fontes históricas de como os dogmas cristológicos foram desenvolvidos, vamos elaborar um claro e coeso quadro de todas as características de Cristo, especialmente sua personalidade e sua natureza. Assim, de modo categórico, lemos no Catecismo da Igreja Católica:

O acontecimento único e totalmente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que ele seja o resultado da mescla confusa entre o divino e o humano. Ele se fez verdadeiramente homem, permanecendo verdadeiramente Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. [Deste modo] A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde sua concepção.⁷

Assim, podemos ter panoramas que indicam o caminho que será traçado em nosso trabalho, em três capítulos. Nestes, cada aspecto da realidade de Cristo será abordado: natureza divina e natureza humana com toda sua problematização; Pessoa divina de Cristo em união hipostática da natureza humana e divina; O Messias, da linhagem de Davi, que sendo Deus, Salvou a humanidade da condenação eterna.

⁵ BETTENCOURT, Estevão. **Curso de Cristologia: Mater Ecclesiae**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018, p. 72.

⁶ COSTA, 2019, p. 88

⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017, §§ 464; 466.

1 TU ÉS O CRISTO

*De fato, Deus em nada demonstra tanto seu amor quanto nos mistérios da Encarnação e da Paixão. Nada revela tanto sua piedade ou sua bondade quanto sua humanidade, como atesta o Apóstolo: “Apareceu a bondade e a humanidade de Deus nosso Salvador” (Tt 3,4). Seu poder estava oculto porque veio na fraqueza.*⁸

- São Bernardo de Claraval

Na medida que se conhece a Cristo, o homem se conhece, pois somente o Verdadeiro Homem revela ao homem a verdadeira humanidade.⁹ Ainda, na consumação dos tempos, o motivo da Encarnação foi o homem, pois por ele o Verbo nasceu e manifestou-se num corpo.¹⁰ Neste sentido, falamos do Cristo dos Evangelhos e da Igreja¹¹, aquele homem executado por volta do ano 30 na Palestina, “o centro e o momento decisivo de toda história humana.”¹² Nas propostas a seguir daremos especial relevo teológico a partir de elementos fundamentais sobre a verdadeira humanidade de Cristo.

1.1 NATUREZA HUMANA DE CRISTO

Ao falar de Cristo e sua verdadeira e perfeita humanidade¹³, levamos em consideração o fato de que este metodológico isolamento das naturezas de Jesus Cristo é meramente teórico e que somente neste espaço é possível tal partição. Assim, como não há separação essencial na natureza humana-divina de Jesus Cristo, também não há fragmentação de sua vida.¹⁴ Há uma unidade histórica e, porque não dizer teológica, que está contida na eternidade, mas que é

⁸ SANTOS, Luis Alberto Ruas. **Um monge que se impôs a seu tempo:** pequena introdução com antologia à vida e obra de São Bernardo de Claraval. São Paulo: Musa Editora; Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi do Mosteiro de São Bento, 2001, p. 180.

⁹ Cf. GAUDIUM ET SPES. Constituição Pastoral In DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2002, n. 22.

¹⁰ Cf. ATANÁSIO, **A encarnação do Verbo** 54, 3 (PG 35, 192), in ATANÁSIO. **Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão.** São Paulo: Paulus, 2002 (Patrística 18), p. 63.

¹¹ Isto porque, uma pesquisa que se dedica em apresentar a Jesus Cristo como de fato é, nos calcamos num caminho de pesquisa reto, coerente e verdadeiro. A teologia é uma compreensão originária da fé. Esta fé entendida não como dimensão intimista e particular, mas a recebida no seio da comunidade dos crentes, isto é, na Igreja. Portanto, nosso estudo tem a pretensão de seguir uma tríplice orientação de Mário Serenthà: de um lado o fundamento bíblico, oriunda da vida das primeiras comunidades transcrita na Escritura; de outro, a evolução histórica que se dá no desenvolvimento da fé da Igreja, falamos do Magistério com seus fiéis servos teólogos; por último, a capacidade de articulação de ambas fontes da Revelação cristã. (cf. SERENTHÀ, Mario. **Jesus Cristo ontem, hoje e sempre:** Ensaio de cristologia. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1986, p. 10.)

¹² RATZINGER, 2015, p. 145.

¹³ Cf. ADAM, Karl. **Cristo nuestro hermano.** Barcelona: Editorial Herder, 1963, p. 62.

¹⁴ Cf. CARDEDAL, Olegario González de. **Cristologia.** Madrid: BAC, 2001. [Serie de Manuales de Teología – Sapientia Fidei], p. 6.

evidente desde a Encarnação até a Ascensão de Jesus Cristo. Portanto, sempre teremos marcadamente no texto aspectos que englobam esta totalidade que há em Jesus Cristo.

No nascente terceiro milênio, voltar às realidades que compreendem a existência de Cristo se fazem necessárias, mas não corresponde um caminho fácil, pelo fato de já existirem as afirmações da fé. As afirmações de fé, os dogmas, nos evitam os erros, mas não nos inculca uma realidade sem bases fundantes. Além disso, a verdade de fé que Jesus é verdadeiramente homem, pode cair na nossa ideia do que é o homem, e aqui se encontra um erro crasso. Não é nós que encaixamos Cristo num modelo de homem, mas é exatamente o contrário.

Ora, essa ideia do homem vai depender de nossa mentalidade, de nossa cultura, das grandes correntes ideológicas que impregnam a atmosfera intelectual em que vivemos. Ela varia segundo o tempo e o lugar. [...]. E isto é verdade em particular a respeito de nossa concepção do homem. Se Jesus é verdadeiramente homem, é ele que nos ensina quem é o homem; não nós, que determinamos *a priori*, com a ajuda de nossa pré-compreensão, os critérios que Jesus deve verificar para ser verdadeiro homem.¹⁵

Nosso estudo deve seguir exatamente o que corresponde uma das funções das Sagradas Escrituras, isto é, a de interpelar.¹⁶ Somente tendo em vista o modelo de homem que Cristo apresenta que será possível seguir nosso estudo. Se colocamos nossa compreensão de homem, certamente estaremos fadados ao erro. Assim, seguiremos a partir das fontes da Revelação, escutando do Cristo a verdade sobre a sua natureza humana. Faremos tal esforço a partir dos dados evidentes da Sagrada Escritura, com a indubitável interpretação do Magistério, auxiliado pelos teólogos.

O primeiro fato evidente é o evento que marca a entrada do eterno no tempo, do divino no humano, do poder na fraqueza: falamos da Encarnação e do Natal de Cristo.¹⁷ O Verbo que se encarnou no seio de Maria assume de uma vez por todas toda a condição humana, exceto o pecado.¹⁸ Sendo assim, não como relação necessária, mas tendo correlação com todo o Projeto de Deus anunciado pelos profetas e preparado por Deus desde toda eternidade, a origem de Cristo, bem como o lugar de seu nascimento marcam um espaço na história, tanto Revelada, como profetizada.¹⁹ Tratando a este respeito, muito bem exorta S. Inácio de Antioquia, quando fala da realidade da Encarnação, escreve:

¹⁵ DREYFUS, François. **Jesus sabia que era Deus?** São Paulo: Edições Loyola, 1987, p. 102.

¹⁶ Cf. DREYFUS, 1987, p. 102.

¹⁷ Cf. CARDEDAL, 2001, p. 419.

¹⁸ Cf. ADAM, 1963, p. 63.

¹⁹ Cf. ADAM, 1963, p. 117.

Existe apenas um médico, carnal e espiritual, gerado e não gerado, Deus feito carne, Filho de Maria e Filho de Deus, vida verdadeira na morte, vida primeiro passível e agora impassível, Jesus Cristo nosso Senhor.²⁰

Ainda que a compreensão “gerado e não gerado”²¹ haveria de ser melhor tratado no Concílio de Nicéia (325), é muito importante, quando falamos do mistério das duas naturezas de Jesus Cristo, recordar que o mistério das duas naturezas de Cristo foi sempre uma realidade de difícil compreensão. Quando o santo Padre Apostólico se refere a este termo, está exortando aos Efésios contra as heresias que já começam a surgir quanto a verdadeira humanidade de Cristo e a sua verdadeira divindade. Quando afirma que Cristo foi gerado, também que nele há vida verdadeira na morte, diz também que Cristo foi primeiro passível, a ênfase dada pelo autor está exatamente na verdadeira humanidade assumida por Cristo.

De fato, o menino haveria de nascer no lugar da promessa, filho adotivo de José da linhagem do Rei Davi, Jesus haveria de nascer em Belém, evento que o situa no quadro da grande história universal.²² Os relatos sobre o nascimento de Cristo são breves, pois evidenciam o mistério íntimo da mãe e do filho²³ e ocupam espaço fundante neste tópico, porque é o primeiro sinal característico da verdadeira humanidade de Cristo. A genealogia de Cristo, o lugar de seu nascimento e as circunstâncias que envolvem estes fatos são os primeiros fatos evidentes da humanidade de Cristo que paradoxalmente transitam entre a simplicidade e a nobreza: Cristo nasceu num estábulo, mas é verdadeiramente poderoso.

Tudo isso nos deve fazer pensar, nos deve recordar a inversão de valores que se verifica na figura de Jesus Cristo, na sua mensagem. Desde o seu nascimento, Jesus não pertence àquele ambiente que, aos olhos do mundo, é importante e poderoso; e contudo é precisamente esse homem irrelevante e sem poder que se revela como o verdadeiramente poderoso, como Aquele de quem, no final das contas, tudo depende.²⁴

Assim, afirmando que Cristo é perfeito homem, Fulton J. Sheen enaltece o fato de como Cristo ingressa na existência humana de forma nada natural ao status de um Filho de Deus. Para Sheen, “essa admissão da natureza humana era uma humilhação, um esvaziamento, um despojamento e uma *kenosis* de sua glória. A renúncia fundamental da

²⁰ PADRES APOSTÓLICOS. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. [Patrística] **Inácio aos Efésios**, p. 84.

²¹ SERENTHÀ, Mario. **Jesus Cristo ontem, hoje e sempre**: Ensaio de cristologia. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1986, p. 198.

²² Cf. RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: A infância**. 2ª ed. Tradução de Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta, 2018, p. 53.

²³ Cf. COSTA, 2019, p. 334.

²⁴ RATZINGER, 2018, pp. 59-60.

glória divina criou uma condição física de vida que O fez aparecer como um homem.”²⁵ Deste modo, o fim lógico de quem entre neste mundo desta forma é o sofrimento e a morte: “Como Deus não poderia sofrer; como homem, poderia.”²⁶

Neste preâmbulo, temos também que ressaltar que assumindo a condição humana, Cristo, como judeu, cumpriu com todas as prescrições da Lei Mosaica. Desta forma, cumprindo tudo o que prescrevia a Lei, depois de haver nascido, “do quadragésimo dia, fazem parte três acontecimentos: a ‘purificação’ de Maria, o ‘resgate’ do filho primogênito Jesus através de um sacrifício prescrito pela lei e a ‘apresentação’ de Jesus no Templo.”²⁷ Assim, vemos o fundamento, que se encontra no relato de S. Lucas que marcando um espaço de compreensão teológica, pois nascido sob a lei, este menino estará a serviço do cumprimento das promessas.²⁸

No espaço próprio da cristologia, vimos os dados primordiais e evidentes da verdadeira humanidade de Cristo. Assim, nas linhas subseqüentes nos deteremos nos dados teológicos e pontuais que dão contorno à nota cristológica acerca da natureza humana de Cristo. Começamos por expor alguns erros cristológicos, pois eles dão contorno a cristologia antiga e atual. A confusão sobre a verdadeira humanidade de Cristo não advém da evidência visível, pois não há dúvida de que Cristo era homem como os outros. Nos primeiros anos da era cristã, a atenção se voltava sobre os aspectos que envolviam a humanidade de Cristo. Por isto, ante a dificuldade inicial do que compõe a verdadeira humanidade de Cristo, precisamos fazer a seguinte afirmação.

Afirmar que Jesus Cristo é perfeito homem é dizer que ele é composto, como todos os demais homens, de verdadeiro corpo e verdadeira alma, dois co-princípios que unidos são o próprio Filho de Deus encarnado. O seu corpo, portanto, não é fantasmagórico, mas real. Tampouco se pode afirmar que ele não tenha alma, pois esta teria sido substituída pelo Verbo divino.²⁹

Cristo possui verdadeiro corpo e verdadeira alma humana, fato que não escapa à sua consciência.³⁰ Contudo, os erros que outrora foram solucionados pelos concílios dos primeiros séculos, sempre tornam a se repetir nos dias atuais. Assim, com novas abordagens, os erros principais contra a humanidade verdadeira de Cristo estão na negação do seu

²⁵ SHEEN, Fulton J. **Vida de Cristo**. Tradução de Márcia Xavier de Brito, William Campos da Cruz. Rio de Janeiro: Petra, 2018; vol. I. p. 236.

²⁶ SHEEN, 2018; vol. I. p. 236.

²⁷ RATZINGER, 2018, p. 70.

²⁸ Cf. RATZINGER, 2018, p. 71.

²⁹ COSTA, 2019, p. 266.

³⁰ Cf. ADAM, 1963, p. 24.

verdadeiro corpo ou de sua verdadeira alma. Como confessava o apolinarismo,³¹ heresia condenada no Concílio de Constantinopla I, que defendia a inexistência de uma alma humana em Cristo.³² “Em geral, negar o corpo do Senhor significará dizer que o seu seria um corpo aparente, negar a alma se expressará na afirmação de que sua alma foi substituída pelo próprio Verbo.”³³ Neste sentido, afirmamos que Cristo tendo um verdadeiro corpo real, possui uma alma vegetativa e animal, partilhada com os outros animais, mas que como homem possui uma alma espiritual.³⁴ Jesus dispõe de uma alma íntegra, especialmente no que diz respeito ao seu aspecto intelectual-espiritual.³⁵

A respeito da verdadeira carne de Cristo, nos esclarece Costa, a partir da análise do Novo Testamento:

O Novo Testamento deixa claro que Jesus tem um verdadeiro corpo. O Evangelista João deixa bem claro que o Verbo se fez *carne* (Jo 1,14) e Jesus realmente nasceu de uma mulher (cf. Mt 1,16; Gl 4,4). O diabo, sabendo da real humanidade de Jesus, tenta-o para que sacie sua fome, naquele momento em contraposição ao plano de Deus (cf. Mt 4,1-4). Os inimigos de Jesus procuravam tirar-lhe a vida (cf. Jo 8,40), mas só se pode matar uma realidade viva e material. E, inclusive depois da ressurreição, Jesus faz questão de dizer que seu corpo é real, porém agora glorioso: “*apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho*” (Lc 24,39).³⁶

Para ser considerado como tal, um ser humano é “resultado” da união da alma com o corpo. À vista disso, se se nega a verdadeira humanidade de Cristo, negando que Ele tem um verdadeiro corpo, nega-se também sua verdadeira alma humana.³⁷ “Historicamente, os mais famosos hereges sobre a questão da alma de Cristo foram Ário e Apolinário de Laodiceia, o jovem. Segundo eles, o Verbo desempenharia em Jesus as funções da alma intelectual.”³⁸

Não obstante, as confusões anexas à esta verdade, surgiu a heresia docetista, esta que “afirmava que Deus Filho teria assumido uma humanidade aparente apenas (*dokéo* = parecer em grego). Portanto, tal heresia dizia que Jesus não teria sido verdadeiro homem.”³⁹ Contra esta heresia, S. Inácio de Antioquia afirmava com veemência que Cristo assumira verdadeiramente a carne humana, com tudo o que nela tem de sujeição: sofrimento, fome,

³¹ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 228.

³² Cf. COSTA, 2019, p. 116.

³³ COSTA, 2019, p. 267.

³⁴ Cf. CARDEDAL, 2001, pp 222-223.

³⁵ Cf. COSTA, 2019, p. 266.

³⁶ COSTA, 2019, p. 267.

³⁷ Cf. CARDEDAL, 2001, p. 266.

³⁸ COSTA, 2019, p. 273.

³⁹ BETTENCOURT, 2018, p. 165.

sede, morte e, na base, sendo tudo isto necessário para que o homem fosse redimido.⁴⁰ São Justino, para não cair no docetismo, também salienta fortemente a realidade humana do Cristo.⁴¹ Para Irineu, para que tudo fosse recapitulado no Cristo, foi preciso que Ele participasse da nossa história, se fizesse homem, pois o Cristo só pode salvar porque é carne.⁴² Sendo assim, ante a dificuldade de que em Cristo coexistem verdadeiro corpo e verdadeira alma, ainda que esteja sustentada pelo ato de ser do Verbo, podemos incidir que:

Nada falta, portanto, à humanidade de Cristo, enquanto natureza humana, para que possa constituir uma pessoa humana: é uma humanidade perfeita. Se alguém dissesse que a humanidade de Cristo não é humana porque está sustentada no ato de ser do Verbo, seria preciso responder-lhe que isso não a deixa menos humana, e sim mais enobrecida; por outro lado, os Padres da Igreja e toda a Tradição foram unânimes em afirmar que *Cristo é perfeito homem, mas não um homem comum*.⁴³

Não sendo um homem comum, mas sendo verdadeiramente homem perfeito em sua humanidade, não mero profeta fortificado por ocasião do batismo, como pretendia o ebionismo, afirmando que a missão de Cristo seria somente ensinar⁴⁴, “mas que, mediante tudo aquilo que ‘faz e ensina’, dá testemunho a Si mesmo como Filho de Deus, ao mesmo tempo apresenta-se e se dá a conhecer como *verdadeiro homem*.”⁴⁵

Como acima descrito, em Cristo não podemos separar as unidas naturezas humana e divina. Separando uma da outra, caímos em confusão e se enalteçemos uma à outra, certamente cairemos noutra erro, por isto temos que ter claro como o próprio Cristo se referia à realidade que nele existe em perfeita unidade na Pessoa do Verbo. Para explicar tal compreensão, caracteriza Sheen:

Que o “Filho do Homem” se referia à natureza humana em união pessoal com a natureza divina está evidenciado no fato de que a primeira vez que Nosso Senhor fez referência a Si mesmo como “o Filho do Homem” foi ao ser reconhecido pelos discípulos como o Filho de Deus.⁴⁶

Nesta linha compreensiva, temos que destacar que Cristo “o Filho do Homem” era muito diligente em deixar evidente que era homem em todas as coisas, com exceção do pecado. Constantemente está em relação com a humanidade, de forma evidente, interna e externa. Expressa sua humanidade, vive-a em si mesmo e estabelece com o homem uma nova

⁴⁰ Cf. BETTENCOURT, 2018, p. 166.

⁴¹ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 203.

⁴² Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 205.

⁴³ COSTA, 2019, p. 304.

⁴⁴ Cf. BETTENCOURT, 2018, p. 165.

⁴⁵ BETTENCOURT, 2018, p. 244.

⁴⁶ SHEEN, 2018; vol. I. p. 236.

relação de Deus com o homem. Isto Sheen expressa de maneira magnânima, quando diz sobre a relação de Cristo com Adão e, conseqüentemente, a de Cristo com os outros homens.

Sua relação com os seres humanos era semelhante à de Adão. A raça humana tinha duas cabeças: Adão e o novo Adão, o Cristo. O “Filho do Homem” não era um homem em particular, um homem pessoal, mas, antes, um padrão de homem, um homem universal. Foi na família humana que Deus escolheu ingressar, a expressão perfeita para descrever isto é *Homo factus est*. Foi feito homem e limitou-se a compartilhar a natureza humana. Entrou na realidade da humanidade comum. Assumiu a natureza humana em Sua sagrada pessoa.⁴⁷

Neste caminho explanamos o que primordialmente envolvem os traços essenciais da natureza humana de Cristo, ainda que em linhas gerais. No tópico que se segue trataremos de alguns aspectos que formulam, o que preferimos chamar de atribuições do Cristo. São de certa forma também essenciais, mas que fazem parte da humanidade propriamente dita.

1.2 CARACTERÍSTICAS DOCTRINAIS E BÍBLICAS

Para conseguir o caráter analítico, que tem em vista uma síntese bem ordenada, trataremos no que se segue de características doutrinárias e bíblicas que corroboram para o percurso compreensivo da verdadeira humanidade de Cristo.

1.2.1 Doutrinárias

Primeiramente, vamos nos ocupar na explanação quanto a inteligência, a vontade e as operações de Cristo, já que nele há duas naturezas. A este propósito, sem haver dualidade ou supressão de uma pelo outra, podemos inferir que Cristo tem duas inteligências, duas vontades e dois princípios operativos.

Esta expressão ajudar-nos-á a entender que em Cristo há duas inteligências (uma divina, uma humana), duas vontades (uma divina, uma humana), duas operações (ações humanas e ações divinas) e distintas paixões da alma (as corporais, as sensitivas e as espirituais). Vemos, portanto que antecipadamente, e graças à exatidão da fórmula de Calcedônia, já foram rebatidas implicitamente as heresias monotelistas e monoerguistas, que logo surgirão.⁴⁸

⁴⁷ SHEEN, 2018; vol. I. p. 240.

⁴⁸ COSTA, 2019, p. 102.

Tal concepção fora tratada no Concílio de Calcedônia (451), pois que se afirma a doutrina da unidade pessoal do Cristo⁴⁹, segundo cada natureza distinta, em Cristo há duas vontades e duas operações. Nele há a vontade divina e a vontade humana do Verbo.⁵⁰ Estas, afirma o Concílio, “unem-se *indivise, immutabiliter, inseparabiliter et inconfuse*. As duas vontades de Cristo não se opõem uma à outra; a sua vontade humana não resiste à vontade divina, mas a ela se sujeita.”⁵¹

A verdadeira humanidade de Cristo, se dá pela principal característica que une a história da humanidade ao seu princípio criacional. Cristo é perfeitamente homem, não apenas porque assume a condição uni-dual do homem, mas precisamente porque pertence à família humana.

Ao nascer de Santa Maria, Jesus é verdadeiramente um de nós, não somente por ter um corpo e uma alma como a nossa, mas também porque pertence a nossa família humana, à descendência de Adão, através de Abraão, Isaac e Jacó. Ele é da linhagem de Davi segundo a carne (cf. Rm 1,3; Lc 1,27). Jesus é o novo Adão (cf. Rm 5), é o descendente de Adão, inserido na nossa história, de tal forma que tomou sobre si, enquanto novo Adão, toda a humanidade.⁵²

Levantando alguns aspectos das características que fazem do Cristo verdadeiro homem, mas também partilhar da humanidade com todos os homens, levantamos aquelas que dão relevo doutrinal quanto à realidade natural desta humanidade.⁵³ Cristo se solidariza com a natureza humana, mas não de forma poética, pois Ele quis assumir todos as características inerentes à humanidade⁵⁴, especialmente a passibilidade e a mortalidade. Destarte, “ainda que em nós essas características sejam conseqüências do pecado de Adão, em si mesmas elas são naturais, isto é, derivam da constituição material-espiritual do homem.”⁵⁵ Portanto, “Ele é realmente da nossa estirpe humana, é homem como nós, ainda que mais enobrecido devido à união com a pessoa do Verbo”.⁵⁶

Neste sentido, também cabe ressaltar a impecabilidade de Cristo ou a impossibilidade de pecar.⁵⁷ Isto não significa que Cristo não podia ser tentado, mas que sendo tentado como homem, Jesus foi totalmente fiel ao Pai como Filho. Ressalta Bittencourt, que não se trata apenas de uma fidelidade de fato, “mas de uma fidelidade ou santidade radical: Jesus Cristo é

⁴⁹ Cf. DUQUOC, 1977, p. 267.

⁵⁰ Cf. ADAM, 1963, p. 61.

⁵¹ COSTA, 2019, p. 118.

⁵² COSTA, 2019, p. 276.

⁵³ Cf. ADAM, 1963, pp. 160-161.

⁵⁴ Cf. DUQUOC, 1977, pp. 268-269.

⁵⁵ COSTA, 2019, p. 279.

⁵⁶ COSTA, 2019, p. 279.

⁵⁷ Cf. ADAM, 1963, p. 55.

o Filho do Pai, absolutamente fiel desde a sua entrada na história dos homens, embora sujeito voluntariamente à tentação.”⁵⁸

Outra característica, da qual toda a humanidade partilha, que está presente no Cristo, é a liberdade. Por esta faculdade, que os homens partilham como meio, do qual orientam para o seu fim supremo, possibilita praticar o que Deus quer de maneira responsável.

Ora, Jesus, como verdadeiro homem, foi livre e usou da sua liberdade para se entregar generosamente à vontade do Pai. Ele sentiu a dor que tal atitude podia causar à natureza humana, afinal, Ele não foi um faquir insensível. Por isto, estremeceu e suou sangue diante da perspectiva da sua Paixão, chegando mesmo a pedir ao Pai que o isentasse do cálice, mas superando o horror natural ao dizer “*faça-se a tua vontade, e não a minha, ó Pai!*” (cf. Lc 22,41-44)⁵⁹

Sabendo que Cristo não tinha a possibilidade de pecar, mas era sujeito às tentações, partilhava da mesma liberdade dos homens, porém, em seu verdadeiro significado.⁶⁰ A liberdade é um meio de cumprir a plena realização do homem, que é em última instância, obedecer a Vontade de Deus. A vontade humana de Cristo se une moralmente à divina, com livre subordinação.⁶¹ Deste modo, professamos verdadeira vontade humana em Jesus, que é dotada de plena liberdade, esta que se exerce no amor e não no pecado.⁶²

Outra característica que ressaltamos, é a graça da cabeça. Cristo teve em si todas as graças que os homens precisam para chegar ao Pai. Além da graça santificante, Cristo detinha as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo, esta riqueza espiritual que é chamada de “Graça da Cabeça”.⁶³

Quando falamos da ciência e da consciência de Jesus, também estamos num ponto doutrinal muito importante para se compreender como a natureza humana e a natureza divina de Jesus Cristo tinham unidade harmônica na Pessoa do Verbo.⁶⁴

No século XIII, grandes teólogos como Santo Alberto Magno († 1280), São Boaventura († 1274), S. Tomás de Aquino († 1274) atribuíram a Jesus um amplo saber. Com efeito, além da onisciência que Cristo possuía como Deus, terá tido em sua natureza humana um tríplice saber: – **a ciência da visão**, de que os justos gozam no céu, e que consiste na intuição de Deus face a face, tornando-se fonte de indizível bem-aventurança. [...]; – **a ciência infusa**, que os místicos recebem e que desvendava a Jesus todo o desígnio do Pai e o desfecho de sua missão. [...]; – **a**

⁵⁸ BETTENCOURT, 2018, p. 262.

⁵⁹ BETTENCOURT, 2018, p. 264.

⁶⁰ Cf. ADAM, 1963, p. 155.

⁶¹ Cf. ADAM, 1963, p. 26.

⁶² Cf. BETTENCOURT, 2018, p. 265.

⁶³ Cf. BETTENCOURT, 2018, pp. 265-266.

⁶⁴ Cf. DOYON, P. Jacques. **Cristologia para o nosso tempo**. Tradução de Adailton G. Ferreira, SVD. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p. 335.

ciência adquirida ou experimental, derivada do uso progressivo dos sentidos e do raciocínio de Jesus.⁶⁵

Destacamos a compreensão de S. Boaventura, quando, nas questões disputadas, o doutor seráfico irá discorrer sobre a ciência humana de Cristo e como ela tinha confluência da sua ciência divina. Isto não significa que em Cristo havia confusão de ciências, mas que as duas formas de conhecimento se iluminavam. A ciência humana de Cristo tinha a luz da ciência divina, pois que encontram unidade na Pessoa do Verbo. Assim, Cristo tendo um modo de consciência divina, mas também tendo uma ciência humana, tinha conhecimento de si como Filho de Deus, com o Pai coessencial e nenhum detalhe de sua missão de Filho saltava-se à ciência humana-divina de Jesus Cristo.⁶⁶

Dado que Jesus possuía um tríplice saber e vendo como se dava em Cristo a ciência da visão, a infusa e a adquirida, resta-nos saber sobre a consciência de Jesus. Como a consciência está muito relacionada a identidade pessoal, o *eu* de Jesus era divino e por isso conhecia tudo o que Deus conhece.⁶⁷ Cristo possuía a faculdade de conhecer a si mesmo, e apesar de possuir um *eu* divino, Cristo possuía uma consciência humana e esta consciência humana via a humanidade que há em si.

A consciência humana de Jesus 1) sabia que Jesus era verdadeiro homem e vivia como verdadeiro homem; 2) sabia que subsistia pela subsistência da segunda Pessoa da SS. Trindade. Não podia crer que tinha uma pessoa humana, porque isto implicaria em Jesus uma tremenda ilusão a respeito de si mesmo, uma dupla personalidade, o que não ocorria em Jesus.⁶⁸

Este conhecimento de si também dava a Jesus pleno conhecimento de sua humanidade, mas também da natureza humana. Jesus vê os homens como de fato são, pois conhece suas condições e fraquezas. Karl Adam, salienta que Jesus vendo de fato as condições dos homens, posto que partilha de mesma humanidade, Cristo ama o homem e não quer julgar.⁶⁹ “É o amor extremamente consciente de que existe no homem, as suas mais nobres possibilidades para o bem, assim como as suas mais baixas tendências; e que, apesar de tudo, se dá de todo o coração.”⁷⁰

⁶⁵ BETTENCOURT, 2018, p. 281.

⁶⁶ Cf. BUENAVENTURA. **Obras de San Buenaventura**. Tomo II. Madrid: BAC, 1946, pp. 111-114.

⁶⁷ Cf. DOYON, P. Jacques. **Cristologia para o nosso tempo**. Tradução de Adailton G. Ferreira, SVD. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p. 336.

⁶⁸ BETTENCOURT, 2018, p. 284.

⁶⁹ Cf. ADAM, 1986, pp. 32-33.

⁷⁰ ADAM, 1986, p. 35.

Encerramos este tópico dando revelado àquilo que Jesus possuía em sua natureza humana que indubitavelmente é enobrecida pela sua natureza divina, exatamente pelo fato de que estando indivisamente unidas não operam separadamente, mas encontram unidade substancial na Pessoa do Verbo.⁷¹

1.2.2 Bíblicas

O Evangelho de Marcos, como se sabe, é escrito para os cristãos provenientes da cultura pagã, cheia de imagens de “homens divinos”, autores de eventos gloriosos e extraordinários. Marcos não quer que Jesus seja compreendido desta forma, como um extraordinário galileu que realiza grandes milagres. Por isto, este Evangelho é o da humanidade humilde e despretensiosa de Jesus, principalmente porque culmina no sofrimento e na cruz.⁷² No Evangelho de S. Marcos, mas também nos sinóticos, salvaguardando alguns elementos pontuais, Cristo, verdadeiro homem, é apresentado a partir de marcas notadamente humanas: pois insiste que Cristo se fadiga, dorme, come, se entristece, sente compaixão.⁷³ Neste sentido, “A fome, a sede, a fadiga, o fato de comer e de beber, a solidão, a angústia diante da morte são realidades que se encontram em toda vida humana, e manifestam bem que o Cristo dos sinóticos é verdadeiro homem.”⁷⁴

S. Marcos coloca em relevo especial as características da autêntica humanidade de Cristo, especialmente quando enfatiza no início do seu Evangelho, Cristo, o Messias.⁷⁵ Este evangelista “apresenta claramente Jesus como o Messias, o Filho do Homem, cujo destino é o mesmo do Filho do Homem.”⁷⁶ Os afetos de Cristo são narrados com muita sensibilidade, quando narra que Cristo: geme e suspira profundamente (cf. Mc 7,34; 8,12); se indigna e entristece pela dureza de coração dos fariseus (cf. Mc 3,5); não tem tempo para comer (cf. 3,21); tem grande amor pelas crianças (cf. Mc 3,39; 10,16).⁷⁷ Outra característica marcante no Evangelho de S. Marcos é a expressão “Filho do Homem”, expressão semita que exprime simplesmente “homem”, esta expressão significa o Messias, mas não simplesmente de ordem humana, mas que tem poder de perdoar os pecador, é Senhor do sábado e irá consumir a

⁷¹ Cf. ADAM, 1963, p. 122.

⁷² Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 123.

⁷³ Cf. DOYON, 1977, pp. 177-178.

⁷⁴ DOYON, 1977, p. 180.

⁷⁵ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 124.

⁷⁶ MATERA, Frank J. **Cristologia narrativa do Novo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 20.

⁷⁷ Cf. BETTENCOURT, 2018, p. 42.

história.⁷⁸ “Assim, o Messianismo de Jesus purifica e enriquece o conteúdo das expectativas dos judeus.”⁷⁹ S. Marcos, como semita, não fala de essência divina em Jesus, mas mostra as obras de Cristo que só Deus poderia fazer.⁸⁰ Assim, neste Evangelho “Jesus é apresentado como um homem que atua como Deus. Procedendo assim, Marcos afirma as duas realidades: a verdadeira natureza humana e a Divindade de Jesus.”⁸¹

Por conseguinte, temos também um aspecto importante para o estudo da natureza humana de Cristo, expresso no Evangelho de S. Mateus, que é a imagem de Jesus como Messias davídico.⁸² Escrito num ambiente judeu-cristão, seu esforço é o de auxiliar os cristãos provenientes do judaísmo a entender que em Jesus se realiza todas as promessas referentes ao Messias.⁸³ A genealogia de Cristo, Filho de Davi, Filho de Abraão, em seu contexto histórico.

“Filho de Davi, Filho de Abraão”: Mateus apresenta Jesus em seu contexto humano, pois ele é uma figura histórica. O título “Filho de Davi” significa que é herdeiro do rei a quem foram feitas as promessas messiânicas (cf. 2Sm 7,1-16) e, ao mesmo tempo, o cumprimento dessas promessas. “Filho de Abraão” significa que Jesus realiza as profecias feitas a Abraão: “*Em teu nome serão abençoadas todas as nações da terra*” (Gn 12,3)⁸⁴

Esta será a única vez que S. Mateus não irá retocar o retrato humano de Cristo, pois para este Evangelista cabe elucidar a Majestade de Jesus e por isso Mateus evita fazer referência aos sentimentos de Jesus e omite tudo o que possa sugerir alguma limitação, que possa decorrer da humanidade de Cristo, para exaltar tudo o que engrandece Jesus.⁸⁵

Um aspecto interessante sobre Cristo nos Evangelhos é quanto à sua fisionomia física e espiritual. Afirmam alguns Padres da Igreja, como São João Crisóstomo, que se inspira nos salmos para dizer que Jesus era perfeito fisicamente e extremamente bonito.⁸⁶ Falando de sua fisionomia espiritual:

Quanto à sua fisionomia espiritual, que é a mais importante, é cheia de misericórdia e compreensão. Jesus aparece nos Evangelhos como um homem de grande equilíbrio mental, que nunca perde o senhorio sobre si mesmo, mesmo quando a barca parece estar a ponto de afundar. As suas respostas são tão rápidas e inteligentes, que deixam os fariseus sem palavras. Sua linguagem alcança tons sublimes e poéticos de beleza,

⁷⁸ Cf. MATERA, 2003, pp. 22-24.

⁷⁹ BETTENCOURT, 2018, p. 43.

⁸⁰ Cf. MATERA, 2003, p. 31.

⁸¹ BETTENCOURT, 2018, p. 45.

⁸² Cf. MATERA, 2003, p. 53.

⁸³ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 125.

⁸⁴ BETTENCOURT, 2018, p. 51.

⁸⁵ Cf. BETTENCOURT, 2018, p. 53.

⁸⁶ Cf. COSTA, 2019, p. 280.

a ponto de causar admiração nos guardas: “*jamais homem algum falou como este homem!...*” (Jo 7,46).⁸⁷

Outra nota característica que destacamos é acerca das narrativas dos Evangelhos Sinóticos do deserto que antecede a vida pública de Jesus. No relato, Jesus é levado pelo Espírito ao deserto e lá é tentado. Levando em consideração o que diz Leão Magno, temos importantes considerações sobre a evidência da humanidade de Cristo que implicitamente é descrita pelos autores sagrados. Quanto ao final do relato, quando os anjos se põem a servir a Jesus, escreve Leão Magno:

Finalmente, o diabo, posto em retirada, e o tentador frustrado em suas artimanhas, os anjos se aproximaram do Senhor e o serviam, aquele que era verdadeiramente homem e verdadeiro Deus, conserva sua humanidade longe de ser atingida pelas questões capciosas e manifesta sua divindade diante dos serviços dos santos. Que sejam assim confundidos os filhos e discípulos do diabo, que, repletos da inspiração da serpente, enganam os simples, negando em Cristo a veracidade das duas naturezas, seja despojando a divindade da humanidade, seja a humanidade da divindade; dupla prova destrói, de uma só vez, este duplo erro, porque a fome sentida pelo corpo atesta a perfeita humanidade e o serviço dos anjos, a perfeita divindade.⁸⁸

A perspectiva de Leão Magno é de defesa da fé na verdadeira humanidade de Cristo. Isto nós vemos claramente, quando neste sermão, enaltece os erros caídos ante a clareza do relato da carne que sentia fome. Noutra discurso, ao abordar a necessidade da humanidade na divindade e a divindade na humanidade, aborda como estas duas naturezas estão hipostasiadas na única Pessoa do Verbo.

Encerramos, portanto as explicações referentes à natureza humana de Cristo, para, num ato sequencial, discorrer sobre as notas características da natureza divina de Jesus. Neste sentido, nos deteremos no próximo capítulo nesta segunda parte do nosso estudo.

⁸⁷ COSTA, 2019, p. 281.

⁸⁸ MAGNO, Leão. **Sermões**. [Patrística] São Paulo: Paulus, 1996, XL Sermão, n. 3.

2 O FILHO DO DEUS VIVO

O Senhor apresentou-se de tal modo aos Apóstolos que já não necessitavam conhecer o que é invisível em Deus através das coisas criadas, pois podiam ver face a face Aquele mesmo que criou todas as coisas. Mas como os discípulos eram carnais e Deus é espírito, e não se harmonizam bem a carne e o espírito, adaptou-se a eles com a sombra de seu corpo para que, através de sua carne cheia de vida, vissem o Verbo na carne, o sol na nuvem, a luz na lanterna e a vela no lampadário.⁸⁹

- São Bernardo de Claraval

A proporção da Revelação de Deus para os seres criados comporta certa gradação, pois na medida que Deus revela seu Amor também revela sua essência. Jesus aparece na carne assumindo tudo que é próprio da humanidade, assim o que se vê é um homem nos limites do tempo e do espaço. Contudo, a natureza humana é síncrona à natureza divina, mas esta permanecerá inócua até o Espírito Santo abrir a inteligência dos discípulos. A progressão da compreensão se evencia no fato de a doutrina cristológica ter sido elaborada no espaço de sete séculos, do Concílio de Nicéia (325), ao terceiro Concílio de Constantinopla (680-681).⁹⁰ Sendo assim, sobre a gradualidade do entendimento sobre a natureza divina de Jesus, esclarece Costa.

Jesus manifestou a sua divindade pouco a pouco, mediante uma admirável pedagogia adequada ao forte sentido monoteísta do povo de Israel. Através dos diversos títulos que Jesus utiliza para explicar quem ele é, nos é manifestada a sua divindade, além disso o seu poder de perdoar pecados só pode ser atribuído a quem é Deus (cf. Mc 2,5-12). O Filho do Homem apresenta-se como Filho de Deus igual a Deus (cf. Mc 14,62). Também é notável como Jesus se dirige a Deus na sua oração.⁹¹

Não foi de imediato que os discípulos conheceram a divindade daquele Jesus de Nazaré, mas de forma lenta e difícil.⁹² Quando, na confissão de Pedro, ao dizer que Cristo era o Filho do Deus vivo, Jesus proclama a Céfas que não foi a carne que revelara que Jesus era o Filho do Deus Vivo, mas o Pai que está no céu. Portanto, seguindo a via segura do dogma, nas linhas seguintes trataremos de expor o dogma da verdadeira divindade de Jesus. Contudo, quando Pedro afirma a divindade de Jesus, o Filho de Deus anuncia sua morte, com a certa Ressurreição no terceiro dia. Portanto, neste capítulo teremos sempre em vista esta realidade, a qual bem descreve Fulton Sheen quando fala da impassibilidade na passibilidade.

⁸⁹ SANTOS, 2001, p. 182.

⁹⁰ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 281

⁹¹ COSTA, 2019, p. 290.

⁹² Cf. DOYON, 1977, p. 243.

Houve uma conexão intrínseca entre a afirmação da divindade de Cristo e Sua morte e Ressurreição. No exato momento em que Cristo recebeu o mais sublime de todos os títulos e foi feita a confissão de sua mais excelsa dignidade, Ele profetizou sua maior humilhação. Ambas as naturezas de Cristo, a humana e a divina, estavam envoltas nessa predição, a saber, a do Filho do Homem que aparecera diante deles e a do Filho do Deus vivo que acabara de ser reconhecido.⁹³

Neste sentido, o que se seguirá tende a elucidar a natureza divina de Jesus, como os concílios da antiguidade salvaguardaram a verdadeira divindade de Jesus e como se desenvolveu a fé na Revelação de Jesus como o Filho de Deus e, portanto, de igual natureza a Deus Pai. Para tanto, iremos expor como a pessoa do Verbo une a si hipostasiadas naturezas humana e divina e como esta realidade é descrita nos Evangelhos.

2.1 NATUREZA DIVINA DE JESUS

Seguindo nosso delineamento, para fins didáticos, neste capítulo exporemos a natureza divina de Jesus e toda sua carga teológica da realeza, oriunda da compreensão do Antigo Testamento.⁹⁴ Ainda, elucubrar como esta realidade foi revelada e, conseqüentemente, assumida pelos Apóstolos e pelos cristãos dos primeiros séculos. Na imprecisão de constatar a verdadeira e perfeita divindade de Jesus⁹⁵, antes a compreensão de Filho de Deus tinha que ser melhor elucidada. Para Ratzinger, a compreensão do Jesus como Filho de Deus surge nas primeiras comunidades cristãs, a partir da fé que aquele galileu realmente ressuscitou e ascendeu aos céus. Desta, desta forma, a compreensão da realeza de Jesus como o Filho de Deus, e, portanto, a crença na verdadeira divindade de Jesus.⁹⁶ Neste sentido, a filosofia grega teve que assumir um especial papel na composição do dogma da verdadeira divindade de Jesus. O expoente herege dos primeiros séculos da era cristã é Ário. Nascido na Líbia em 256, estudado na escola antioquena, seu principal ensinamento era de que o Verbo era subordinado ao Pai. Afirmando este subordinacionismo, Ário afirmava também que o Verbo é a primeira e mais digna criatura do Pai e que, assim, Jesus não partilhava da essência divina.⁹⁷ Para ele, Jesus não era igual a seu Pai, pois se o Pai o gerou, ele o criou, uma vez que para Ário gerar e

⁹³ SHEEN, 2018; vol. I. p. 201.

⁹⁴ Cf. RATZINGER, 2015, p. 162.

⁹⁵ Cf. ADAM, 1963, pp. 113-114.

⁹⁶ Cf. RATZINGER, 2015, p. 164.

⁹⁷ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 223.

criar são sinônimos.⁹⁸ Mesmo condenado pelo Sínodo de Alexandria em 318, Ário encontrou apoio de alguns bispos orientais e na escola antioquena.⁹⁹

Ário negara não apenas que Jesus fosse Deus, mas também que fosse homem; fê-lo ao negar que Jesus Cristo tivesse alma. Ainda que Apolinário de Laodiceia será o líder dessa heresia, Ário começou-a, mas como o tema da divindade era urgente a ser tratado e acabou polarizando a discussão, a questão sobre a alma de Cristo será discutida seriamente apenas quando Apolinário destacar esse tema.¹⁰⁰

Sendo as heresias muito interligadas, pois se se nega uma atribuição de Jesus, uma série de negações se sucedem, antecipamos uma heresia que será discutida apenas nos séculos seguintes, mas que Ário já suscita, a heresia de que Jesus não tinha alma, assim negando que Cristo fosse homem.¹⁰¹ Frente a estes erros, a Igreja teve que se reunir e, então, o dogma da verdadeira divindade de Jesus é elaborado, tal atitude que na Igreja é sempre cheia de vida, pois que é ação do próprio Espírito Santo. Assim, convocados pelo Imperador Constantino, mais de 250 bispos reunidos em Concílio em Nicéia, no ano de 325,¹⁰² o Concílio confessa por unanimidade que Jesus, o Filho de Deus é consubstancial ao Pai (*homousios tô Patrí*), isto é, de mesma essência, portanto, Jesus é Deus.¹⁰³

No Credo de Nicéia, *homousios* tem a ver com a *ousia* no sentido de *essência*, isto é, o Filho é da mesma essência do Pai, ou seja, é Deus como o Pai é Deus. Contudo, como a essência divina é simples e o Filho tem a mesma essência do Pai, numericamente a mesma, não pode haver dois deuses. [...] Deus continua sendo um só, mas o monoteísmo cristão é dinâmico, pois trata-se do Deus trinitário, que não é um ser solitário.¹⁰⁴

Assim, duas realidades são salvaguardadas, Jesus é Deus com o Pai, mas Deus é um só, em três Pessoas. Deus Pai, Filho e Espírito Santo.¹⁰⁵ Esta formulação, se não se compreende, também ficará obscura a compreensão da natureza divina de Jesus. Contudo, este assunto é objeto de outro estudo. Quanto àquela formulação de Nicéia, o que se pretendia não era uma composição de ideias míticas, mas uma afirmação de fé que aceita a Revelação divina naquilo que se manifestou em Jesus Cristo.¹⁰⁶ A Igreja, desde o Concílio de Nicéia, sempre confessará a fórmula da verdadeira divindade de Jesus, Filho único de Deus, da

⁹⁸ Cf. DOYON, 1977, p. 315.

⁹⁹ Cf. BETTENCOURT, 2018, pp. 180-181.

¹⁰⁰ COSTA, 2019, p. 91.

¹⁰¹ Cf. SERENTHÁ, 1986, p. 224.

¹⁰² Cf. SERENTHÁ, 1986, p. 225.

¹⁰³ Cf. COSTA, 2019, p. 90.

¹⁰⁴ COSTA, 2019, p. 90.

¹⁰⁵ Cf. SERENTHÁ, 1986, p. 226.

¹⁰⁶ Cf. RATZINGER, 2015, p. 169.

mesma natureza (*homousios*) do Pai. “Portanto, quando a Igreja utiliza a palavra *homousios* quer dizer simplesmente que o Filho possui a mesma substância ou essência do Pai, isto é, que o Filho é igual ao Pai, é Deus como o Pai é Deus.”¹⁰⁷

No decorrer dos séculos, outros erros vão surgindo ante a realidade da verdadeira divindade de Jesus. Certamente a compreensão não era simples para os cristãos dos primeiros séculos. A compreensão de duas naturezas numa única pessoa vai além do fato de Jesus Cristo ter vivido entre os homens, morto, ressuscitado e ascendido aos céus. Afirmando a consubstancialidade do Pai com o Filho há que se distinguir que o Pai não é o Filho e vice e versa. Para resolver este empasse, mas também de que o Filho não é inferior ao Pai, mas procede Dele por geração atemporal, foi necessário o Concílio de Nicéia I.

O Concílio de Nicéia I assim afirmou a distinção das pessoas do Pai e do Filho, muito embora tenha afirmado a identidade das naturezas entre o Pai e o Filho. Ou seja, o Filho é da mesma natureza do Pai, uma só divindade; embora a Pessoa do Filho não seja a mesma Pessoa do Pai. Temos, assim, o Pai, primeira pessoa da SS. Trindade; e ambos são da mesma natureza, da mesma essência, da única Divindade. O Filho foi tido como Deus, não inferior ao Pai. O fato do Filho proceder do Pai por geração não implica temporalidade ou “antes e depois”, já que em Deus nada é sucessivo ou temporal. Em Deus não há tempo; Deus é eterno: assim, eterno é o Pai, eterno é o Filho e eterno é o Espírito Santo.¹⁰⁸

As heresias surgiram exatamente pelo exagero na compreensão. Se de um lado existiam os que negavam a verdadeira divindade de Jesus, a resposta contrária pesa a balança para outro exagero, afirmando a absoluta natureza divina de Jesus. Um exagero em um sentido leva a uma resposta noutra sentido.¹⁰⁹ Já vimos como se originaram as heresias que negavam a verdadeira humanidade de Cristo, como o apolinarismo, por exemplo. A réplica à esta heresia é o nestorianismo, onde o bispo Nestório extrapola a compreensão das duas naturezas de Cristo,¹¹⁰ afirmando que a humanidade seria instrumento da divindade e que Maria não poderia conceber Jesus, verdadeiro Deus, mas somente dar à luz um homem.¹¹¹ A doutrina de Nestório é a compreensão de que em Cristo havia duas naturezas completas e separadamente dois “eu”, a pessoa do Verbo e a pessoa do homem.¹¹² Para solucionar este erro, o Concílio de Éfeso, em 431, confessará que Maria é a (*Theotókos*), Mãe de Deus.¹¹³ A respeito da unidade pessoal do Verbo nos ocuparemos a frente, mas aqui já prelidamos este

¹⁰⁷ COSTA, 2019, p. 93.

¹⁰⁸ BETTENCOURT, 2018, p. 182.

¹⁰⁹ Cf. DOYON, 1977, p. 246.

¹¹⁰ Cf. SERENTHÁ, 1986, p. 253.

¹¹¹ Cf. DOYON, 1977, p. 262.

¹¹² Cf. DUQUOC, 1977, p. 263.

¹¹³ Cf. SERENTHÁ, 1986, p. 263.

assunto, para nos colocar num espaço de construção da compreensão da verdadeira divindade de Jesus.

Resumidamente, segundo o Concílio de Éfeso, Cristo é uma só pessoa, ele é perfeito Deus e perfeito homem por causa da união da natureza divina com a natureza humana; Maria é Mãe de Deus (*Theotókos*) porque gerou o Verbo, não segundo a divindade, mas segundo a sua humanidade; Cristo é o Filho de Deus que se fez homem, ele não é um homem divinizado ou adotado por Deus; a carne de Cristo é vivificadora por ser a carne do Verbo; Cristo deve ser adorado com uma única adoração (isto é, não deve ser adorado como Deus e separadamente como homem), ao Verbo se atribuem também as operações e paixões humanas de Jesus.¹¹⁴

Neste sentido, antecipando o problema da pessoalidade de Jesus Cristo, trazemos à tona as operações de Jesus que encontram unidade na Pessoa do Verbo. Em resposta, os adversários de Nestório, caindo no mesmo erro de extremar uma compreensão, enfatizam exageradamente a unidade de Jesus, afirmando que em Cristo há uma pessoa e uma só natureza, a divina.¹¹⁵ Estamos a falar do monofisismo, do monge Êutiques, que ferindo a unidade das duas naturezas humana-divina na pessoa de Jesus Cristo, passou a confessar nele uma única e absoluta natureza.¹¹⁶ Sobre tal erro, Estevão Bettencourt muito bem explanou sobre como passou a se desenvolver tal doutrina difundida pelos monofisistas.

Para eles, Cristo constava de duas naturezas, que, mediante a Encarnação, se reduziram a uma só, pois a divina teria absorvido a humana. Daí o nome de **monofisismo** ou **monofisitismo** dado a tal doutrina (*mónos* = um; *physis* = natureza). Por conseguinte, o corpo de Cristo já não seria igual ou consubstancial ao nosso, pois teria sido divinizado. Ilustravam esta tese recorrendo a uma imagem: assim como uma gota de mel lançada na imensidão do oceano aí se dissolve totalmente, da mesma forma a humanidade Jesus se dissolveu na Divindade do Verbo, que a assumiu.¹¹⁷

A reação à esta heresia fora contundente, começou com Teodoreto, bispo de Ciro, até Eusébio de Doriléia denunciar o erro num sínodo reunido em 448 por Flaviano de Constantinopla. Este condena tal heresia e ao solicitar aprovação do papa Leão, recebe do mesmo a carta de refutação ao monofisismo, chamada *Tomo a Flaviano*, que mais tarde será votada e aprovada no Concílio de Calcedônia.¹¹⁸ Sendo assim, o Concílio de Calcedônia, em 451, confessará as duas naturezas de Cristo,¹¹⁹ sem que a natureza humana se dissolva na natureza divina. Este Concílio “reafirma a consubstancialidade de Cristo com o Pai e a

¹¹⁴ COSTA, 2019, pp. 97-98.

¹¹⁵ Cf. SERENTHÁ, 1986, p. 266.

¹¹⁶ Cf. DOYON, 1977, p. 264.

¹¹⁷ BETTENCOURT, 2018, p. 196.

¹¹⁸ Cf. DOYON, 1977, pp. 264-265.

¹¹⁹ Cf. SERENTHÁ, 1986, pp. 271-274.

consustancialidade do mesmo com Maria; donde resultam duas naturezas completas (não mutiladas nem confundidas entre si).”¹²⁰ Portanto, a definição de Calcedônia é a seguinte, segundo Christian Duquoc:

A definição de Calcedônia afirma que a unidade de duas maneiras de ser, divina e humana, existindo sem confusão, mistura ou separação, salvaguardando cada uma de suas propriedades, é a própria pessoa do Filho. Ela confessa QUEM é Jesus. E a seguir nos diz O QUE JESUS é “para nós”: o Revelador, o Salvador, morto e ressuscitado.¹²¹

Isto posto, neste ponto podemos nos perguntar quanto ao agir de Cristo, isto é, como e onde se fundamenta as ações de Jesus. Sempre fazemos estas separações a níveis didáticos, pois sabemos que não existiu duas pessoas. A revelação é clara, Cristo veio na carne e assumiu a condição humana, contudo sua natureza é divino-humana que agem por meio da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Assim, em Jesus há ações exclusivas da natureza humana e as exclusivas da natureza divina. Mas, todas elas realizadas por uma única pessoa. Assim, a originalidade das ações humanas de Cristo é salvaguardada, é ação do Filho, mas que produzem efeitos para além de uma simples ação humana.¹²² A este respeito, esclarece o autor da obra *Jesus Cristo, único Salvador*:

Quanto ao atuar de Cristo, é preciso dizer que nele há ações exclusivamente divinas (todas as que Deus realiza e que são comuns às três Pessoas divinas) e ações humanas. Estas, como são realizadas pela Pessoa divina mediante a sua natureza humana, podem ser chamadas de “ações teândricas” (operações divino-humanas). Contudo, a expressão “ações teândricas” fica reservada normalmente somente para as ações humanas de Jesus enquanto são instrumentos do seu atuar divino para produzir efeitos que transcendem a capacidade humana.¹²³

Assim, se esclarece a dúvida que surge ante às ações de Jesus. Jesus age como única pessoa, ainda que por meio de duas naturezas hipostasiadas.¹²⁴ Este é um dado de fé que pode parecer ocluso, mas que na realidade é mais simples do que parece, pois aquele galileu, nascido na carne, mas vindo de Deus era um só e agia sempre como única pessoa, mas com impulsos da natureza humana e divina unidas perfeitamente em sua essência. Como exemplo para isto, Sheen muito bem explanou:

¹²⁰ BETTENCOURT, 2018, p. 198.

¹²¹ DUQUOC, 1977, p. 265.

¹²² Cf. DUQUOC, 1977, p. 273.

¹²³ COSTA, 2019, p. 118.

¹²⁴ Cf. ADAM, 1963, p. 24.

Nosso Senhor é descrito a chorar nas Escrituras por três vezes. Uma vez por uma nação, quando chorou por Jerusalém; uma vez no Jardim de Getsêmani, quando chorou pelos pecados do mundo; e, nessa ocasião, por Lázaro, quando chorou pelo efeito do pecado que é a morte. Nenhuma das lágrimas foi por si mesmo, mas pela natureza humana que assumira. Em cada ocasião, seu coração humano pôde distinguir o fruto da raiz, os males que afetam o mundo de sua causa, que é o pecado. Era verdadeiramente “o Verbo feito Carne”.¹²⁵

Visto isto, posto que o atuar de Jesus e tudo que é próprio da natureza humana, sendo o sujeito último a pessoa do Verbo, o que era assumido era sempre em vista da redenção. Seguindo nosso itinerário, no que se segue, nos ocuparemos especialmente sobre a Pessoa do Verbo e as bases bíblicas que fundamentam a divindade de Jesus.

2.2 CARACTERÍSTICA PESSOAL E BÍBLICA

No limiar da nossa construção da verdadeira divindade de Jesus, nos deteremos em elucidar a pessoalidade de Jesus Cristo, bem como a compreensão bíblica dos escritores sagrados. Nossa proposta será a de clarear como se dá a união hipostática na Pessoa do Verbo e, a posteriori, trazer luzes bíblicas para tal formulação.

2.2.1 Pessoal

O que se sucedia aos erros ensinados e difundidos eram os Concílios e o Magistério em constante unidade para que a realidade da Revelação fosse salvaguardada e o mistério de Jesus Cristo fosse aos poucos assimilado e conhecido, ainda que fugisse a totalidade. Assim, o Concílio de Calcedônia que afirmará definitivamente a unidade de pessoa e a dualidade de naturezas em Jesus Cristo.¹²⁶ Nunca compreenderemos um mistério plenamente, ao passo que a própria dinâmica da Revelação divina é gradativa. Neste preâmbulo, já trazemos a origem da dificuldade de adequar duas naturezas em uma pessoa, e agora nos deteremos em tal construção. Inicialmente temos que lembrar como coexistem as duas naturezas em Cristo, para posteriormente delimitar em que pessoa elas operam.

Jesus Cristo é uma pessoa divina em duas naturezas, divina e humana. Ele não é uma pessoa humana, mas tem personalidade humana, como uma admirável percepção humana. Jesus tem uma maneira humana de perceber as coisas e,

¹²⁵ SHEEN, Fulton J. **Vida de Cristo**. Tradução de Márcia Xavier de Brito, William Campos da Cruz. Rio de Janeiro: Petra, 2018; vol. II. p. 27.

¹²⁶ Cf. DOYON, 1977, p. 309.

consequentemente, ele sabe, também com consciência humana, que ele é Deus e que nos veio salvar.¹²⁷

Em Jesus Cristo há uma só pessoalidade e duas naturezas, com personalidade humana.¹²⁸ Nele a percepção humana opera também com consciência humana, mas como encontram unidade Pessoal do Verbo, pela união hipostática, mesmo a natureza humana opera aos fins divinos e sua consciência humana sabe de sua essência divina e sua missão salvífica.¹²⁹ Na confissão de fé calcedonense, a Igreja “acentua a inconfusão das natureza, divina e humana, no Cristo, afirma com igual vigor a unidade pessoal, a unidade que fundamenta o Filho eterno: não é um homem que se faz Deus. É o Filho que se faz homem.”¹³⁰ Sendo assim, nos ocuparemos sobre a unidade pessoal de Jesus e como compreendemos tal realidade a partir da união hipostática. Portanto, estes serão os temas centrais deste tópico, do qual Costa nos introduz.

Nos séculos dos grandes concílios da antiguidade, especialmente Éfeso (431) e Calcedônia (451), “pessoa” aparece com sua formulação conceitual cada vez mais clara. Nesse segundo momento, “pessoa” passa a ser sinônimo de “relação”. De tal forma que os cristãos desse período dourado do dogma católico, vão ser cada vez mais conscientes de que aquilo que se diz de Deus ou se diz segundo a substância ou segundo a relação.¹³¹

Neste sentido, já podemos inferir que não haveria forma de existência da natureza humana de Cristo sem pessoa, que tem a capacidade de a fazer subsistir. Os padres que faziam parte do Concílio de Éfeso, aplicando estes princípios ao mistério da Encarnação, tem a pretensão de dizer que a natureza humana de Cristo concebida por Maria, não poderia subsistir por obra de uma pessoa humana, ou a partir de um “eu” humano, mas, certamente, por obra da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. “A união da segunda Pessoa Divina (o Verbo) com a natureza humana se deu no seio de Maria Virgem, desde o primeiro instante de concepção de Jesus.”¹³²

Estas considerações explicam a fórmula de São Cirilo e do Concílio de Éfeso: a união se deu **kath' hypóstasin**, no plano pessoal e no plano da Pessoa; as duas naturezas ficaram intatas ou incólumes em Jesus – a divina e a humana –, mas havia uma só pessoa (divina) pela qual essas duas naturezas subsistiam ou pela qual essas duas naturezas estavam unidas. Daí fala-se de união hipostática.¹³³

¹²⁷ COSTA, 2019, p. 308.

¹²⁸ Cf. ADAM, 1963, p. 117.

¹²⁹ Cf. DOYON, 1977, p. 336.

¹³⁰ DUQUOC, 1977, p. 247.

¹³¹ COSTA, 2019, p. 298.

¹³² BETTENCOURT, 2018, p. 191.

¹³³ BETTENCOURT, 2018, p. 191.

Só é possível falar da Pessoa do Verbo porque hipostasiadas estão a natureza humana e a natureza divina de Jesus Cristo. Para tanto, continuando o percurso da nossa construção, seguimos por expor o que vem a ser a união hipostática das duas naturezas de Jesus Cristo na Pessoa do Verbo. Esta união que se dá no plano do ser de Jesus, isto é, próprio da sua essência.¹³⁴ Para começarmos esta exposição, trazemos quando e como se definiu o dogma da união hipostática.

No ano 451, aconteceu o Concílio de Calcedônia, que definiu solenemente o dogma da união hipostática. A primeira parte do texto calcedonense vai contra os arianos, a segunda, contra os nestorianos e principalmente contra os monofisistas. Neste, confessa-se que em Cristo há uma só pessoa e uma só subsistência em duas naturezas *inconfuse, immutabiliter, indivise et inseparabiliter* (sem confusão, sem mutação, sem divisão e sem separação). Enquanto *inconfuse* e *immutabiliter* são, em latim, advérbios postos para defender a distinção das naturezas, *indivise* e *inseparabiliter* servem para sublinhar a união de ambas.¹³⁵

O teólogo Karl Rahner (1904-1984), ao abordar sobre o tema, sem ir contra o Concílio de Calcedônia, tem a preocupação em expor sua interpretação sem parecer que o dogma da união hipostática não seja vista como um mito nem a união das duas naturezas pareça como uma realidade extrínseca. Tendo tais preocupações, Rahner afirma que a união hipostática não consiste na ideia de uma união de duas entidades preexistentes. Para ele, no Verbo feito carne, “a natureza humana não é algo exterior ao Verbo, mas o mesmo Verbo que assumiu a carne. A natureza divina tampouco é exterior à natureza humana (ao homem Jesus), mas essa natureza humana é ‘potência obediencial’¹³⁶ para ser o Filho de Deus.”¹³⁷ Assim, podemos afirmar que a Igreja nunca deixou de trazer em contexto a cristologia alexandrina.

A Igreja, sem deixar de reconhecer o grande valor da cristologia alexandrina no Concílio de Éfeso, não deixará de aprofundar a doutrina da união hipostática no Concílio de Calcedônia. Segundo São Cirilo, a realidade *Jesus Cristo* é somente uma, a qual ele chamou de “*phýsis*” para dar realismo à união das duas naturezas na única Pessoa do Filho de Deus. [...] Calcedônia utiliza a palavra “pessoa” para esta única realidade constitutiva e subsistente de Cristo.¹³⁸

Junto a São Cirilo de Alexandria estamos calcados na verdade do grande mistério que abarca o dogma da união hipostática.¹³⁹ São Cirilo dizia que esse mistério está além da

¹³⁴ Cf. DOYON, 1977, p. 320.

¹³⁵ COSTA, 2019, p. 101.

¹³⁶ Cf. DOYON, 1977, p. 327.

¹³⁷ COSTA, 2019, p. 103.

¹³⁸ COSTA, 2019, p. 107.

¹³⁹ Cf. CARDEDAL, 2001, p. 228.

capacidade racional do homem,¹⁴⁰ bem como o modo que esta união aconteceu na Encarnação permanece incompreendido pela inteligência dos homens.¹⁴¹ Contudo, para o santo, ainda que supere a razão, a realidade da união hipostática nunca será contra a razão – *supra rationem, sed non contra rationem*.¹⁴²

Na esteira do Concílio de Éfeso, onde se define a união hipostática, a definição é clara.¹⁴³ A confissão dogmática diz que “o Verbo hipostasiado uniu a si uma carne animada de alma racional e que, portanto, se fez homem de modo inefável e incompreensível, sendo assim chamado filho do homem; pela união da natureza divina e da natureza humana resulta um só Cristo e Filho.”¹⁴⁴

É preciso dar-se conta de que a fé da Igreja está afirmando sempre a eternidade da pessoa do Verbo (*hipostasiado*) e que a segunda pessoa da Santíssima Trindade une a si a natureza humana. O texto fala claramente que as duas naturezas se uniram em uma só pessoa. Com o qual podemos dizer que o Efesino de 431 já proclama a doutrina da união hipostática, misteriosa e inefável, e que fica a salvo sempre que é uma Pessoa divina, a segunda da Trindade, que une a si a natureza humana. Desta feita, Jesus Cristo é uma Pessoa divina em duas naturezas, a divina que ele como Filho de Deus é desde toda eternidade, a humana que ele uniu a si no tempo.¹⁴⁵

Como já citamos o Concílio de Calcedônia, vemos claramente como este e o Concílio de Éfeso se complementam na solene afirmação do dogma da união hipostática, “pois enquanto Éfeso já fala desta união, Calcedônia coloca uns limites dogmáticos para expressar esta união hipostática: *inconfuse, immutabiliter, indivise, iseparabiliter*, palavras a serviço da proteção do mistério da encarnação.”¹⁴⁶

Para trazer luz à esta compreensão, vemos como Sheen escreve sobre a realidade das duas naturezas hipostasiadas na pessoa do Verbo, fato este que acontece no momento da Encarnação.

O que os homens chamam de Encarnação é a união de duas naturezas, a Divina e a humana, em uma única Pessoa que governa ambas. Isso não é difícil de entender, pois o que é o homem senão uma amostra, em nível imensuravelmente baixo, de uma união de duas substâncias totalmente diferentes, uma material e outra imaterial; uma o corpo, a outra, a alma, sob a regência de uma única personalidade humana? [...] Deus, que une corpo e alma numa personalidade humana, não obstante a diferença de natureza, decerto podia viabilizar a união de um corpo humano e uma

¹⁴⁰ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 259.

¹⁴¹ Cf. CARDEDAL, 2001, p. 257.

¹⁴² Cf. COSTA, 2019, p. 293.

¹⁴³ Cf. CARDEDAL, 2001, p. 259.

¹⁴⁴ COSTA, 2019, p. 300.

¹⁴⁵ COSTA, 2019, pp. 300-301.

¹⁴⁶ COSTA, 2019, p. 301.

alma humana com Sua Divindade sob o controle de Sua Pessoa Eterna. É isso que se quer dizer com: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.” Jo 1,14.¹⁴⁷

Dado que as naturezas humana e divina de Jesus Cristo se unem hipostasiadas na Pessoa do Verbo Encarnado, podemos afirmar com convicção de fé, dada pela Igreja, que Jesus Cristo é verdadeiro homem e verdadeiro Deus, que é a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, portanto, Deus consubstancial ao Pai¹⁴⁸ e a Maria. Assim, a natureza humana é gerada, come e bebe, sofre e morre; e a natureza divina é possuída por Jesus em plenitude, desde toda a eternidade, porque é gerada pelo Pai.¹⁴⁹ No nosso esforço seguinte, nos delimitaremos em exprimir, em linhas gerais, sobre as características bíblicas a respeito da divindade de Jesus.

2.2.2 Bíblica

Neste tópico, trataremos de expor, ainda que nosso trabalho não tenha pretensão exegética, os autores sagrados que se propuseram em apresentar explicitamente como se manifestava a divindade de Jesus. Nos Evangelhos Sinódicos, podemos constatar como é descrita a divindade de Jesus, especialmente em Mateus e Lucas, veremos nas próximas páginas. Contudo, os que se destacam para tal compreensão é o Apóstolo, Evangelista e Teólogo São João e o Apóstolo dos gentios São Paulo, para estes reservamos dois tópicos conceituais para apreciação.

Deus quis vir ao nosso mundo. Foi o encontro histórico da eternidade com o tempo. Jesus Cristo, “Deus bendito pelos séculos” (Rm 9,5), quis fazer-se um de nós (cf. Jo 1,14). A eternidade não é rebaixada, é o tempo que é exaltado. Efetivamente, segundo João, o Teólogo do Novo Testamento, o Verbo existe desde toda a eternidade, isto é, “*no princípio*” (Jo 1,1). Partir da eternidade do Verbo e de sua encarnação, nos faz ver todas as coisas de maneira iluminada e em seu verdadeiro sentido.¹⁵⁰

A imagem de Deus que se rebaixa é certamente a que melhor representa estes dois Apóstolos. Ao apresentar a grandeza de Deus o contraponto é a sua humilhação para que a salvação do mundo chegasse a termo. Mas antes, cabe ressaltar as características que marcam a natureza divina de Jesus.

¹⁴⁷ SHEEN, 2018; vol. I, p. 36.

¹⁴⁸ Cf. AGOSTINHO. **A Trindade**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2014, p. 50, n. 3.

¹⁴⁹ Cf. DOYON, 1977, p. 322.

¹⁵⁰ COSTA, 2019, p. 284.

No Evangelho de São Mateus, encontramos algumas fórmulas que põe em nítido relevo a divindade de Jesus. Destaca-se em Mt 11, 25-27, quando Jesus falando com o Pai expõe sua íntima relação com o Pai, ao ponto de dizer que não há quem conheça o Pai senão o Filho e vice e versa. Assim, “este texto professa igualdade entre o Pai e o Filho, de modo que somente o Pai pode conhecer o mistério do Filho, e somente o Filho pode conhecer o Pai.”¹⁵¹

Em **Mt 28,19** Jesus manda batizar “*em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo*”. – Eis uma fórmula de fé na Santíssima Trindade, que coloca no mesmo plano as três Pessoas Divinas. É por causa disto que Jesus pode perdoar os pecados, como só Deus o pode fazer (Mt 9,6-8). Os fariseus queriam saber qual a razão dessa autoridade (Mt 21,23). Tal autoridade é devido a identidade de Jesus com a própria Divindade; ou seja, precisamente **Jesus é Deus**.¹⁵²

Noutro excerto do Evangelho de São Mateus lemos a passagem que dá origem a este trabalho. Em Mt 16,16, temos a confissão de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Da mesma forma que o fizera os discípulos ao verem Jesus caminhando sobre as águas, se prostam e exclamam: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus!” (Mt 14,33). Em suma, é nestes termos que a figura de Jesus aparece no Evangelho de São Mateus. Sem deixar de ser homem, Jesus é descrito de tal forma que sua divindade sobressai com muita evidência.¹⁵³

No Evangelho de São Lucas veremos focalizados três aspectos principais de Jesus: Salvador; Senhor e o Cristo, Filho de Deus.¹⁵⁴ Jesus se apresenta, também, como o Filho do Homem, com soberania universal.¹⁵⁵ Acentuando o fato de que Jesus é portador da Salvação, vimos que se traça a imagem de Jesus em sua natureza divina, pois quem salva é somente Deus. Jesus é o Senhor (Kýrios), este termo aparece 103 vezes apenas no Evangelho de São Lucas, usado para se referir a verdadeira origem divina de Jesus, posto que este termo substitui o nome santo Javé do Antigo Testamento. Jesus é o Filho de Deus, título que aparece especialmente em Lc 1-2, neste chamado “Evangelho da Infância”, Jesus aparece constantemente retratado como Filho do Altíssimo e Filho de Deus.¹⁵⁶ Isto posto, podemos adentrar mais especificadamente na cristologia joanina e na paulina, donde emerge uma concepção clara de Jesus na sua verdadeira essência de Deus.

¹⁵¹ BETTENCOURT, 2018, p. 55.

¹⁵² BETTENCOURT, 2018, p. 55.

¹⁵³ Cf. BETTENCOURT, 2018, pp. 55-56.

¹⁵⁴ Cf. SERENTHÁ, 1986, p. 128.

¹⁵⁵ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. **Os Evangelhos e a História de Jesus**. Tradução de Ângelo José Busnardo. São Paulo: Edições Paulinas, 1972, p. 145.

¹⁵⁶ Cf. BETTENCOURT, 2018, pp. 61-65.

2.2.2.1 A Cristologia do Teólogo S. João Evangelista

Sobressai a forma como São João narra a vida de Jesus Cristo, com que delicadeza de expressões e construção compõe o Evangelho.¹⁵⁷ João se interessa pela apresentação de Jesus a partir do seu evidente mistério profundo, mas que existe na carne ligado à história.¹⁵⁸ Uma cristologia que é a fé da Igreja na radicalidade de afirmação da divindade de Jesus, especialmente ao firmar em suas páginas que Jesus é a sua obra.¹⁵⁹ Não é de se estranhar, pois o discípulo amado tem a visão celeste e vai muito além dos outros evangelistas.¹⁶⁰ São João não só narra a vida de Cristo, como a contempla, pensa o Verbo encarnado no contexto da glória, isto é, a partir da clara visão de Jesus como Verbo de Deus.¹⁶¹

Na verdade, todo o Evangelho segundo João é uma grande confissão da divindade de Jesus. Mostra-o o prólogo abundantemente, pois Jesus Cristo é o Verbo eterno, que *“está no seio do Pai”* (Jo 1,18). Mais que milagres, São João gosta de falar dos sinais que apontam para realidades mais sublimes, no cume das quais está a divindade do Filho de Deus: *“Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”* (Jo 1,51).¹⁶²

Estevão Bettencourt salienta que o Evangelho de São João surge como fruto de sua longa reflexão e vivência cristã, bem como as de seus discípulos. O quarto Evangelho, escrito, muito provavelmente no fim do século I, é o mais elaborado ou o que mais desenvolve a figura de Cristo dentre os quatro evangelistas. Nos vários aspectos do Cristo joaneu, nos deteremos em quatro: 1) O Logos; 2) A Encarnação; 3) Igual a Deus e Revelador do Pai e do Espírito; 4) Jesus Salvador.¹⁶³ Estes são os aspectos elencados por Estevão Bettencourt.

João é o único autor sagrado que no Novo Testamento se refere a Cristo como *Lógos*,¹⁶⁴ podemos encontrar em Jo 1,1.14; 1Jo 1,1s; Ap 19,13. Este vocábulo grego traz em si o significado de três realidades: intelecto; ideia, noção e, palavra oral que exprime o conceito mental. Para a filosofia cristã, designa a Palavra de Deus que, feita carne, falou aos homens.¹⁶⁵

¹⁵⁷ Cf. LÉON-DUFOUR, 1972, p. 101.

¹⁵⁸ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 158.

¹⁵⁹ Cf. RATZINGER, 2015, p. 170.

¹⁶⁰ Cf. LÉON-DUFOUR, 1972, p. 102.

¹⁶¹ Cf. COSTA, 2019, p. 203.

¹⁶² COSTA, 2019, p. 285.

¹⁶³ Cf. BETTENCOURT, 2018, p. 70.

¹⁶⁴ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 163.

¹⁶⁵ Cf. BETTENCOURT, 2018, p. 70.

Pode-se crer que a personificação (meramente poética) da Palavra (**dabar**) e da Sabedoria (**hochmah**), praticada no Antigo Testamento, tenha inspirado a São João o recurso ao vocábulo **Lógos** (Palavra) para designar o Cristo preexistente (anterior à criação do mundo) ou o Filho de Deus, que se manifestou na carne humana para revelar aos homens o Pai e seu plano de salvação.¹⁶⁶

Notoriamente vemos como a concepção da pessoa de Jesus vai ganhando amplitude e os patamares alcançados, ainda pelos que tiveram experiências diretas com Jesus. A compreensão da preexistência de Jesus, encontrado logo no prólogo do Evangelho de João é uma teologia refinada da essência divina. Por isto, João insiste no fato de que o *Lógos* se fez carne (cf. Jo 1,14).¹⁶⁷ Tal insistência que aparece também na primeira epístola de São João: “o que era desde o princípio...” (cf. 1,1s). A importância que este evangelista dá à Encarnação do Filho é consciência clara de que Jesus assumindo a natureza humana e nela vivendo, Deus quer santificar o homem e tudo que se refere a ele.¹⁶⁸ A teologia de cima para baixo de São João representa um claro conhecimento da realidade do Verbo que é Deus que se digna viver na carne humana.¹⁶⁹ Um dado importante é como Jesus no Evangelho de João usa a expressão “eu sou”, com toda sua carga compreensiva veterotestamentária.¹⁷⁰ Portanto, a Encarnação atesta um fato glorioso, Deus salva e iniciou este plano na Encarnação do Verbo na carne, na humanidade que é instrumento ou o sacramento da divindade.¹⁷¹ Jesus sendo igual a Deus e Revelador do Pai e do Espírito é outro aspecto importantíssimo do Evangelho de São João.

A transcendência do “homem Jesus” se revela, no Evangelho de São João, também através do emprego da expressão “Eu sou” sem predicado. Esta fórmula faz alusão ao nome **Iahweh** (ou Javé, em português) com que Deus se revelou no Antigo Testamento (cf. Ex 3,13), indicando assim a igualdade de natureza (divina) existente entre o Pai e o Filho.¹⁷²

O Evangelho de São João compreende uma especial doutrina da divindade única de Deus, mas que se revela em três Pessoas. Jesus é revelador do Espírito Santo, assim como é do Pai.

Ao despedir-se dos discípulos, Jesus promete enviar-lhes o Espírito Santo. Este é chamado de “Paráclito” ou “outro Paráclito” (= Advogado, consolador), que

¹⁶⁶ BETTENCOURT, 2018, p. 71.

¹⁶⁷ Cf. LÉON-DUFOUR, 1972, p. 103.

¹⁶⁸ Cf. LÉON-DUFOUR, 1972, p. 121.

¹⁶⁹ Cf. LÉON-DUFOUR, 1972, p. 109.

¹⁷⁰ Cf. SERENTHÁ, 1986, pp. 164-165.

¹⁷¹ Cf. BETTENCOURT, 2018, pp. 71-72.

¹⁷² BETTENCOURT, 2018, p. 73.

continuará a obra de Jesus, o Paráclito. Procede do Pai na eternidade, e na plenitude dos tempos é enviado ao mundo pelo Pai e pelo Cristo glorificado.¹⁷³

Por fim, o quarto aspecto que nos detemos nesta exposição, traça a plenitude da obra salvífica de Deus por meio do seu Filho Jesus. Jesus é Salvador, e só Deus é capaz de salvar. Este é o pano de fundo de todo o Evangelho de São João, bem como suas epístolas e as visões apocalípticas. Jesus veio ao mundo para livrar o homem do domínio do príncipe deste mundo, satanás. Jesus vence a satanás em nome dos homens e se entrega totalmente a vontade do Pai, portanto, a iniciativa de resgate parte de Deus, que ama sua criatura invencivelmente. Portanto, pode o discípulo amado chagar a conclusão de que Deus é Amor e se manifesta especialmente na entrega do seu Filho Único. Jesus é Salvador, pois ante a morte que o pecado trouxe, Ele veio dar a vida, precisamente o motivo da vinda de Jesus, para que os homens tenham a vida e a tenham em abundância (cf. Jo 10,10).¹⁷⁴ Já falamos da denominação de Jesus como Filho de Deus e como isto se enquadra na questão dogmática. Contudo, cabe ressaltar como a compreensão ganha relevo quando no Evangelho de João, Jesus se autodetermina como “o Filho”. Esta autodeterminação não é para o evangelista uma expressão de autossuficiência, mas uma completa descrição do senhorio de Jesus em sua completa natureza divina, igual ao Pai e ao Espírito Santo.¹⁷⁵

2.2.2.2 A Cristologia Paulina

A cristologia de São Paulo é também uma fonte inesgotável para a doutrina sobre Cristo, especialmente porque Cristo ressuscitado é o centro do mistério da salvação.¹⁷⁶ Estevão Bettencourt traz uma informação importantíssima, a de que São Paulo teria escrito suas cartas entre 51 (1Ts) e 67 (2Tm). “Escreveu, portanto, num período muito próximo à Ascensão do Senhor. Porém, ele revela uma Cristologia muito elaborada, sinal de que a imagem de Jesus, após a Páscoa, aflorou com pujança e nitidez à consciência dos primeiros cristãos.”¹⁷⁷

Assim como na cristologia joanina, São Paulo claramente elabora seus escritos a partir da compreensão da preexistência de Cristo, fato que dá a Jesus a posse não somente da

¹⁷³ BETTENCOURT, 2018, p. 74.

¹⁷⁴ Cf. BETTENCOURT, 2018, p. 75.

¹⁷⁵ Cf. RATZINGER, 2015, p. 168.

¹⁷⁶ Cf. BENTO XVI. **Audiência Geral:** A importância da cristologia - Preexistência e encarnação. 22/10/2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081022.html>. Acessado em: 22/02/2021.

¹⁷⁷ BETTENCOURT, 2018, p. 78.

natureza divina, mas também a glória de Deus Pai.¹⁷⁸ O evento do nascimento da estirpe de Davi segundo a carne¹⁷⁹, a Encarnação, que nos escritos paulinos aparecem representando a forma como Jesus esvaziou da condição esplêndida de Deus¹⁸⁰ para assumir a realidade de homem¹⁸¹, este obediente até a morte e morte de cruz.¹⁸² Na primeira carta à comunidade de coríntios, capítulo 15, temos a mais antiga profissão de fé cristã, a morte do Messias, fato histórico preciso, mas também segundo as Escrituras, sepultado e ressuscitado no terceiro dia.¹⁸³ Outro aspecto que oferece o relvo necessário à cristologia paulina é a exaltação pascal, “na qual a humanidade de Jesus, unida à sua Divindade, compartilha a glória de Deus e é reconhecida por todas as criaturas como **Kýrios** (= Senhor, título imperial, conforme At 25,26)”¹⁸⁴ A realidade da qual falamos se acha explicitamente no texto de Gl 4,4s, especialmente quando marca o anúncio da plenitude dos tempos e da adoção filial que todos os homens recebem por meio do Filho do Homem.

Estes versículos são muito significativos. Porque destacam o “intercâmbio” que é o mistério da Encarnação: o Filho de Deus assumiu o que é do homem, fazendo-se “Filho do Homem”, para que o homem se pudesse tornar filho adotivo do Pai Celeste. Tornou-se súdito da Lei de Moisés para que os homens a ele sujeitos fossem dispensados da mesma.¹⁸⁵

Outro aspecto importante para nossa investigação é a imagem de Cristo Cabeça.¹⁸⁶ Não tendo seguido Jesus de viva experiência, a cristologia paulina reconheceu Jesus principalmente como Cabeça do Corpo, que é a Igreja.¹⁸⁷ Constantemente explanando a imagem de Cristo Cabeça, São Paulo em paralelo à imagem construída por São João de Jesus como tronco de videira (cf. Jo 15,1-5), o texto que melhor retara esta expressão é o de Cl 1, 15-20. Neste texto lemos a delicadeza da Imagem de Deus em Jesus, o primogênito de toda criatura, e a expressão de que Cristo é a cabeça da Igreja que é o seu Corpo.¹⁸⁸

¹⁷⁸ Cf. CERFAUX, Lucien. **Cristo na Teologia de São Paulo**. Traduzido pelas Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p. 390.

¹⁷⁹ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 43.

¹⁸⁰ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 144.

¹⁸¹ Cf. CERFAUX, 1977, p. 295.

¹⁸² Cf. BENTO XVI. **Audiência Geral**: A importância da cristologia - A decisividade da ressurreição. 05/11/2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081105.html>. Acessado em: 22/02/2021.

¹⁸³ Cf. SERENTHÀ, 1986, pp. 32-38.

¹⁸⁴ BETTENCOURT, 2018, pp. 78-79.

¹⁸⁵ BETTENCOURT, 2018, p. 79.

¹⁸⁶ Cf. CERFAUX, 1977, p. 267.

¹⁸⁷ Cf. BENTO XVI. **Audiência Geral**: A importância da cristologia - Preexistência e encarnação. 22/10/2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081022.html>. Acessado em: 22/02/2021.

¹⁸⁸ Cf. BETTENCOURT, 2018, p. 80.

Mais precisamente, no plano da criação, o texto afirma que Cristo é a **Imagem do Deus Invisível**. Imagem significa **manifestação, palavra** (cf. Jo 1,1) do Pai (que nunca tomou forma humana, mas se revela na terra mediante o seu Filho, que é a sua Palavra e Imagem). Além disto, Cristo é tido como o grande referencial ou eixo de toda a criação. Tudo foi feito em vista dele, por Ele e para Ele.¹⁸⁹

Os outros dois aspectos que evidenciamos é a compreensão de Cristo segundo Adão e Filho de Deus e Senhor.¹⁹⁰ O título de Jesus como novo Adão, extremamente diferente do primeiro,¹⁹¹ é tipicamente paulino, pois expressa toda a soteriologia paulina, pois “como todos morrem em Adão, assim todos hão de reviver em Cristo” (1Cor 15,22). Assim como pela desobediência de um único homem o pecado entrou no mundo, pela obediência de um único homem a salvação foi garantida.¹⁹² A imagem de Cristo novo Adão está em referência a obediência, pois que o primeiro Adão desobedeceu, o novo Adão fora obediente até a morte e morte de cruz.¹⁹³ Conseqüentemente, designado como Filho de Deus e Senhor, estas expressões designam o próprio Deus, preexistente ao mundo.¹⁹⁴ Assim, o fato de que o Filho é enviado pelo Pai, toda a doutrina da divindade de Jesus ganha contorno e solidez, na cristologia paulina.¹⁹⁵

O Filho esteve, portanto, na Terra, em virtude de uma missão recebida do Pai, e por meio dela traz a salvação, revestida de duplo aspecto. Para os judeus significa a libertação da Lei; para nós, é a elevação à qualidade de filhos de Deus. A libertação da Lei relaciona-se com a morte de Cristo, segundo o tema paulino comum, mas nossa adoção acha-se somente em relação causal com a morte e com a ressurreição, e depende formalmente da qualidade de Filho possuída por Cristo.¹⁹⁶

Aqui fazemos uma passagem importante, pois se já descobrimos quem é Jesus Cristo, sua condição essencial e todos seus atributos, nos resta, num esforço final, compreender o motivo da Encarnação. Fato evidente, como exposto na cristologia paulina, Jesus Cristo veio salvar e isto está eternizado no credo: *propter nostram salutem*. Portanto, o que se segue tratará de explicar temas basilares da soteriologia.

¹⁸⁹ BETTENCOURT, 2018, pp. 80-81.

¹⁹⁰ Cf. BENTO XVI. **Audiência Geral:** A importância da cristologia - A decisividade da ressurreição. 05/11/2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081105.html>. Acessado em: 22/02/2021.

¹⁹¹ Cf. SERENTHÀ, 1986, p. 145.

¹⁹² Cf. BENTO XVI. **Audiência Geral:** A importância da cristologia - Preexistência e encarnação. 22/10/2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081022.html>. Acessado em: 22/02/2021.

¹⁹³ Cf. BETTENCOURT, 2018, p. 81.

¹⁹⁴ Cf. CERFAUX, 1977, p. 378.

¹⁹⁵ Cf. BETTENCOURT, 2018, pp. 82-83.

¹⁹⁶ CERFAUX, 1977, p. 338.

3 O MESSIAS SALVADOR

Poderá alguém duvidar que algo de muito grande estivesse em causa para que tão grande majestade, vinda de tão longe, se dignasse descer a um lugar tão indigno? Certamente foi algo muito grande, uma imensa misericórdia, uma grande comisseração e uma caridade copiosa. E para que veio? Que devemos crer a esse respeito? É isto que agora cabe investigar, seguindo a ordem que nos impusemos. Não é necessário um grande esforço neste ponto, assim como são claras tanto a causa de sua vinda como suas palavras, assim como também são eloquentes suas obras. Veio buscar pelos montes a centésima ovelha que estava perdida. Veio por nossa causa, a fim de que, mais abertamente, louvem o Senhor por suas misericórdias e pelas maravilhas que operou em favor dos filhos dos homens (Sl 106,15). Que admirável é a condescendência de Deus que busca e como é grande a dignidade do homem que é assim buscado!¹⁹⁷

- São Bernardo de Claraval

Este capítulo corresponde um esforço que oferece um corolário ao que se antecede. Não podemos estudar a cristologia sem a soteriologia, ainda que nosso estudo seja a elaboração dos principais temas, visto que a cristologia e a soteriologia são dois imensos tratados da Teologia. No evento da Encarnação está necessariamente o evento da redenção, isto é, a cruz. Tudo isto com um único objetivo: salvar o homem, ou melhor, salvar a criação inteira.

Falar da cristologia da encarnação e da cristologia da cruz é tocar de perto um problema existencial que a Profissão de Fé deixa bem claro: o Verbo fez-se carne *propter nos homines*, para salvar-nos. Não se pode estudar a cristologia sem a perspectiva soteriológica. Para nós, o momento em que se juntam essas duas perspectivas – encarnação e cruz – é exatamente na vida toda de Jesus Cristo, isto é, na consideração de que Jesus Cristo, enquanto ele existe, existe para salvar-nos. O nome “Jesus” já está indicando a missão.¹⁹⁸

Sabemos, hoje, quem é Jesus e porque Ele veio, mas este dado permanece obscuro para algumas pessoas, especialmente quando se percebe a disparidade entre o Messias esperado e o que foi enviado. Portanto, no último capítulo desta monografia, trataremos de expor os dados referentes à História de Salvação, começada desde a criação do mundo chegando ao seu termo em Cristo Jesus.¹⁹⁹ A Consumação dos Tempos é o desfecho deste capítulo, visto que, uma vez realizada plenamente, temos a suma conclusão, como dado revelado, que Cristo é a Nova e Eterna Aliança.

¹⁹⁷ SANTOS, 2001, pp. 180-181.

¹⁹⁸ COSTA, 2019, p. 211.

¹⁹⁹ Cf. COSTA, 2019, p. 199.

3.1 O MESSIAS ESPERADO

Compreendemos o Plano de Salvação de Deus numa totalidade, isto é, dotado de variados eventos, mas que encontram unidade num único objetivo divino: salvar o homem. Assim, ao criar o universo e todo ser, Deus já tinha em mente todo o Projeto Redentor para o homem. Neste sentido, depois de criado e ter se rebelado contra o seu Criador, o homem fica carente daquela harmonia original com seu Criador. Deus que quer salvar o seu Povo, isto começa ao criar o mundo e o ser humano, “continua com a manifestação de Deus aos nossos primeiros pais, segue-se com a manifestação a Abraão, a Moisés, aos Profetas, até chegar à sua plenitude e, Cristo, mediador e plenitude da Revelação.”²⁰⁰ A partir de agora, trataremos do tema do “messianismo”, visto que um “messias” era prefigurado e anunciado.

Na Sagrada Escritura, o messianismo tem longa história. Ligado ao tema da fidelidade do Povo à Aliança e à esperança nas promessas de Deus, surge o messianismo [...]. Depois de possuírem a Terra Prometida, os israelitas ainda não viviam nessa época de paz total. O Povo coloca sua confiança na figura do Rei, o primeiro dos quais Saul, ainda que o protótipo de Rei será Davi; contudo nenhum dos reis será capaz de dar a salvação definitiva ao Povo. Além do mais, Israel tem consciência de que não deve apoiar-se simplesmente em um *messianismo político*, pois os reis de Israel são apenas servos do Rei de Israel, que é Javé.²⁰¹

Na esteira desta compreensão, temos que ter em consideração que o “messianismo” é, precisamente, a espera de uma salvação e de uma libertação, capaz de dar novos rumos a existência humana. A experiência de fé de Israel, em geral, é marcada mais por se fiar na expectativa de bens prometidos do que na posse de realidades presentes. Não obstante, a espera do prometido unguido seguia esta mesma lógica, de um lado Deus prepara, pelos profetas, o que seria enviado, de outro lado, o povo de Israel tem esperança em um Rei-Messias-libertador aos moldes políticos e econômicos.²⁰² O messianismo bíblico está inserido nesta dinâmica, pois que se insere na espera de um estado melhor para homem, seja no sentido temporal do termo, mas também em seu sentido sobrenatural.²⁰³ Para tanto, cumpre ressaltar as origens do messianismo bíblico.

A palavra hebraica “*Messias*” cujo equivalente grego é “*Kristos*” (de onde Cristo em português) significa unguido, assinalado com óleo, para alusão à sagração de um rei do Antigo Testamento. A expressão surgiu, por ocasião da sagração de Saul como primeiro rei de Israel pelo profeta Samuel (1Sm 10,1); [...] Esta identificação

²⁰⁰ COSTA, 2019, p. 199.

²⁰¹ COSTA, 2019, p. 233.

²⁰² Cf. SERENTHÁ, 1986, pp. 90-92.

²⁰³ Cf. DOYON, 1977, p. 35.

entre o *rei-Messias* e o esperado das nações se operou no reinado de Davi, sucessor de Saul. Depois que ele foi censurado pelo profeta Natan pela morte de Urias, e que se arrependeu de seu crime, Davi ouviu do profeta que o libertador prometido, devendo receber todas as nações em herança, nasceria de sua descendência.²⁰⁴

O Povo de Israel espera um salvador, um libertador, assim é preparado pelos profetas. Haverá uma manifestação de Deus que será definitiva, uma libertação definitiva. Embora seja esperado nos moldes de reinado, como fora o grande rei Davi, o novo que viria, haveria de livrar definitivamente de toda e qualquer opressão.²⁰⁵ Envolta dentro da compreensão da “Aliança” do Povo de Israel, Deus que liberta o seu Povo do Egito, faz Aliança com ele no Monte Sinai, traído pelo Povo, Deus renova sua Aliança e permanece fiel a ela. A espera do Messias do povo hebreu é a espera de uma Nova Aliança.²⁰⁶

Era preciso que houvesse um novo pacto para que ela se tornasse uma realidade concreta na história. Os profetas anunciaram o dom de uma nova Lei que, em suas expressões, haveria de corresponder às exigências da Aliança. O Mediador dessa nova Aliança seria o Messias, não um Messias qualquer, mas o Messias portador do Espírito, e o Espírito, por seu poder e santidade, converteria o coração do homem, não editando novas leis, mas inscrevendo vitalmente a intenção da Lei no coração do homem; numa palavra, libertando o homem.²⁰⁷

Dentre todas as figuras messiânicas que encontramos no Antigo Testamento, a saber, o Messias-Rei, o Messias- Profeta, o Messias-Sacerdote, vemos como Deus prepara o seu Povo para a espera do que virá em seu nome. Isto tudo porque há uma incapacidade no homem de se redimir por sua própria natureza, por isto a História de Salvação prepara para a espera de um evento único e definitivo da presença de Deus. Assim, na consumação dos tempos, Deus mesmo é quem vem.²⁰⁸ Estas figuras prefiguradas encontram plenitude e realização em Jesus Cristo, tema do nosso esforço subsequente, pois Jesus Cristo é o Messias preparado por Deus no decurso da história do Povo de Israel.

Jesus Cristo cumpre todas as profecias do Antigo Testamento. Uma leitura atenta descobre duas linhas distintas nessas profecias: uma, a espera do Messias temporal que vem para libertar Israel de seus inimigos; a outra, a da vinda de Deus para julgar o mundo no final dos tempos. Jesus, Χριστός (Mesías) e Κύριος (Adonai) reúne em si mesmo essas duas tendências diferentes.²⁰⁹

²⁰⁴ DOYON, 1977, pp. 58-59.

²⁰⁵ Cf. OCÁRIZ, Fernando; MATEO-SECO, Lucas; RUESTA, José Antônio. **El misterio de Jesucristo**. 3ª ed. Pamplona: EUNSA, 2004, pp. 62-63.

²⁰⁶ Cf. OCÁRIZ; MATEO-SECO; RUESTA, 2004, pp. 64-65.

²⁰⁷ DUQUOC, Christian. **Cristologia**: ensaio dogmático II – O Messias. Tradução de Atico Fassini. São Paulo: Edições Loyola, 1980, p. 211.

²⁰⁸ Cf. DOYON, 1977, pp. 71-77.

²⁰⁹ COSTA, 2019, p. 106.

Portanto, vimos como era esperado o Messias pelo Povo de Israel, no que se segue, trataremos de expor como veio o Messias da parte de Deus. Na espera de um Messias que assumiria o trono da sua descendência davídica, o Povo de Israel esperava um Rei tão grande que fosse maior que o grande Davi. Contudo, nascido em Belém, crescido em Nazaré, Jesus Cristo, filho de Maria, filho do carpinteiro, é o enviado.²¹⁰

3.2 O MESSIAS ENVIADO

A priori, trazemos nesta abordagem, *en passant*, S. Inácio de Antioquia, aos Esmirnenses, quando trata da verdadeira humanidade de Cristo. Este Santo faz sua defesa a partir das Escrituras, que para este preâmbulo nos será muito cara. Escreve o Santo Padre Apostólico:

Estais plenamente convencidos de que nosso Senhor é verdadeiramente da descendência de Davi segundo a carne, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus, nascido verdadeiramente da virgem, batizado por João, para que toda a justiça fosse cumprida por ele. Ele foi realmente pregado por nós em sua carne, sob Pôncio Pilatos e o tetrarca Herodes.²¹¹

Marcando o início da reflexão com S. Inácio de Antioquia, seguimos com outras considerações bíblicas que são características quanto ao Messias enviado. Ao começarmos a tratar sobre os aspectos que marcam a entrada da novidade messiânica, tomamos em consideração o nome de Jesus. Apesar de ser um nome comum entre os judeus, no nome de Jesus está ocultamente o tetragrama sagrado [YHWH], “o misterioso nome recebido no Horeb, que agora é ampliado até a afirmação: Deus salva.”²¹²

O nome “Jesus” era bem comum entre os Judeus. No original hebraico, era “Josué”. O anjo contou a José a respeito de Maria: “Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo de seus pecados.” Mt 1,21. [...] A salvação prometida pelo nome “Jesus” não é salvação social, mas espiritual. Ele não salvaria as pessoas necessariamente da pobreza, mas as salvaria dos pecados. Destruir o pecado é extirpar as primeiras causas da pobreza. O nome “Jesus” trouxe de volta a memória de seu grande líder, que conduziu Israel a descansar na terra prometida. O fato de ter sido prefigurado por Josué indica que ele tinha as qualidades marciais necessárias à vitória final contra o mal, que viria da aceitação alegre do sofrimento, da coragem resoluta, da determinação da vontade e da devoção inabalável à ordem do Pai.²¹³

²¹⁰ Cf. ADAM, Karl. **Jesus Cristo**. São Paulo: Quadrante, 1986, p. 110.

²¹¹ PADRES APOSTÓLICOS, 1995; [Patrística] **Inácio aos Esmirnistas**, p. 115.

²¹² RATZINGER, 2018, p. 33.

²¹³ SHEEN, 2018; vol. I. p. 37-39.

Neste percurso de compreensão, o fato de o nome “Jesus” significar a salvação plena que completa o tetragrama sagrado, inferimos sobre a realidade propriamente da natureza divina de Jesus. O nome “Jesus” explicita de maneira fabulosa o que seguidamente se assume: a natureza humana. Tal realidade que se exprime no significado do nome “Cristo”:

A palavra Messias-Cristo significa “o ungido”: a unção era considerada, na Antiga Aliança, o sinal visível da dotação com os talentos do ministério, com o Espírito de Deus para o ministério. Em Is 11,2, desenvolve-se conseqüentemente a esperança a respeito de um verdadeiro “Ungido”, cuja “Unção” consiste precisamente em sobre Ele descer o Espírito do Senhor [...].²¹⁴

Ao nome “Cristo”, o enviado, da linhagem humana do grande Rei Davi, donde viria a libertação do Povo de Israel, se imputa neste nome a verdadeira humanidade do Filho de Deus. Portanto, neste ponto, o nascimento de Jesus, marca, como na Encarnação, a humanidade elevada à divindade. Com S. Josemaría Escrivá, resta-nos ver que a carne assumida por Deus nascido de Maria, quando nasce, tanto os pastores como os reis magos vão adorar Deus revestido da nossa carne, naquele menino o homem perfeito.²¹⁵

O perfeito homem, mas que é perfeito Deus. Segunda Pessoa da Santíssima Trindade que em si tem hipostasiadas duas naturezas: único salvador. O que fora enviado cumpre tudo o que foi anunciado. Ele é o novo Adão, como é também o novo Moisés e todas as figuras notáveis do Antigo Testamento, encontram em Jesus Cristo plenitude. “Assim como a tipologia de Adão coloca Cristo em relação com toda a humanidade, a de Moisés coloca-o em relação com o Povo de Israel.”²¹⁶ Ele é a nova criação, que relaciona com Deus como um amigo, face a face, está no seio do Pai e, portanto, íntegro revelador do Pai e da face de Deus.²¹⁷

Para resumir e concluir, dizemos simplesmente que Cristo é dado como conclusão da espera messiânica, realizando em si, numa síntese superior e imprevisível, as diferentes figuras messiânicas, apesar de sua aparente contradição. [...] Cristo optou pelo messianismo do *Servo sofredor* de Isaías (53) e do Salmo (22), e projetou sua vida dentro desse quadro. “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate por muitos” (Mt 20,28;26,28).²¹⁸

²¹⁴ RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: Do Batismo no Jordão à Transfiguração**. 2ª ed. Tradução de José Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta, 2017, p. 39.

²¹⁵ Cf. ESCRIVÁ, Josemaría. **É Cristo que passa: homilias**. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Edições Quadrante, 1973, pp. 13-17.

²¹⁶ COSTA, 2019, p. 230.

²¹⁷ Cf. COSTA, 2019, p. 230.

²¹⁸ DOYON, 1977, p. 77.

De Jesus há de brotar tudo que se espera de um Messias, porém de forma simples, como Deus mesmo é. Jesus é o Messias que instaura a justiça última. Dos ditos e feitos de Jesus Cristo vemos que o verdadeiro messianismo do Antigo Testamento é instaurado, sob formas muito diferentes das esperadas pelos judeus. Não obstante Jesus Cristo desmascara a incompreensão dos seus ouvintes sobre sua real missão. Ele é Sacerdote, Profeta e Rei, mas não como os judeus queriam, mas como Deus Pai queria.²¹⁹

É um lugar comum na teologia considerar os assim chamados *tria munera Christi*, isto é, as três funções (ministérios) de Cristo: ele é sacerdote, profeta e rei. Também é comum sublinhar a dimensão sacerdotal de sua vida e missão e, a partir desses múnus falar dos outros *oficia Christi*. Jesus seria, então, essencialmente sacerdote, mas o seu sacerdócio inclui não somente exercer o sacerdócio, mas também de ser profeta e rei.²²⁰

Outro aspecto importante para compreender o Messias enviado é compreender que a condição do Cristo já é condição primeira e necessária para a salvação do homem.²²¹ Sendo assim, “o fato mesmo de que Deus se fez homem e viveu as etapas da vida de um homem desde a concepção no seio materno até a morte, é obra da redenção.”²²² Jesus é uma ponte entre Deus e a humanidade, conosco Ele se solidariza e para Deus eleva nossa natureza decaída. Assim, podemos dizer que há uma estreita união entre Deus e a natureza humana. A finalidade disto é a remissão do homem.

Essa estreita união, por causa da encarnação, explica que entre Jesus e nós existe uma verdadeira solidariedade: Ele se fez solidário à nossa humanidade para redimi-la. Sua solidariedade chega a tal perfeição, que, sendo *um* homem, Jesus de Nazaré assume *toda* a humanidade. [...] A encarnação é o primeiro momento da salvação que se dá em Jesus Cristo, a única que realmente resolve o problema da humanidade em seu drama histórico.²²³

Mesmo assim, a ideia da espera fundamental de uma salvação temporal, com fins políticos, não deixa de existir na crença do povo judeu. Jesus, durante toda a sua vida, convivia com pessoas que insistiam em materializar a ideia de salvação prometida. Convivia com ouvintes irresolutos em pensar que a libertação deveria ser concretizada em termos políticos. O grande nome “Jesus” que é mandado a José dar ao menino que nasceria, que significa “Salvador”, não é uma ordem divina que acontece após a consumação da salvação, mas é um evento fundante próprio da Encarnação, exatamente no momento em que foi

²¹⁹ Cf. DUQUOC, 1980, pp. 223-229.

²²⁰ COSTA, 2019, p. 223.

²²¹ Cf. MATERA, 2003, p. 371.

²²² BETTENCOURT, 2018, p. 300.

²²³ COSTA, 2019, p. 277.

concebido no ventre da mãe. “O fundamento da salvação estava na eternidade, não no tempo.”²²⁴ Outros eventos são fundantes para atribuir integridade e veracidade ao Messias enviado:

Quando Deus faz aparecer uma nuvem, é um claro sinal de que há grilhões que o homem não ousa romper. Em seu batismo, os céus se abriram; agora, na Transfiguração, abriram-se novamente para empossá-Lo no posto de Mediador, e para distingui-Lo de Moisés e dos profetas. Era o próprio céu que O estava enviando em missão, não a vontade pervertida dos homens. No batismo, a voz dos céus dirigia-se ao próprio Jesus; no monte da Transfiguração, dirigia-se aos discípulos.²²⁵

Por fim, dentre tudo que era próprio de se realizar e ser realizado pelo Messias Jesus Cristo enviado, o que pertencia ao cerne da missão do Messias consistia em descer aos mais obscuros perigos da existência humana. Só se levanta um caído abaixando-se ao nível da sua queda. Assim, Jesus Cristo desce para levantar o homem, Jesus haveria de “penetrar no drama da existência humana, atravessá-lo até seu último fundo, para encontrar a ‘ovelha perdida’, colocá-la nos seus ombros e levá-la para casa.”²²⁶ A consumação dos tempos começou com a Encarnação do Verbo, mas começa a ganhar expressões. Pontos finais que trabalharemos no tópico a seguir.

3.3 A CONSUMAÇÃO DOS TEMPOS

Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial. E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que chama: “Abba”, Pai! De modo que já não és escravo, mas filho. E se és filho, és também herdeiro, graças a Deus.
Gl 4, 4-7.

Jesus morreu e ressuscitou verdadeiramente, posto que “é certo que sem a morte e sem a ressurreição de Cristo não seríamos salvos.”²²⁷ Nosso esforço encontra desfecho quando nos propomos a expor a consumação dos tempos, vendo-a a partir da ótica da Misericórdia de Deus. Santo Anselmo questionava, em seu estudo soteriológico, a questão do fim da Encarnação, a resposta é curta e objetiva: a cura do homem.²²⁸ Quando envia Aquele que desde o princípio estava como modelo de toda criação, Deus envia a plenitude de sua presença. O Amor se consuma e consome em Misericórdia. Tudo é um plano de resgate²²⁹ e

²²⁴ Cf. SHEEN, 2018; vol. I. p. 39.

²²⁵ SHEEN, 2018; vol. I. p. 195.

²²⁶ RATZINGER, 2017, p. 40.

²²⁷ SERENTHÁ, 1986, p. 398.

²²⁸ Cf. SERENTHÁ, 1986, pp. 320-321.

²²⁹ Cf. SERENTHÁ, 1986, p. 431.

está encerrado no que Jesus Cristo fez e falou, visto que se direcionam para a consumação da Vontade Salvadora de Deus. Jesus Cristo, o Messias, morreu, este paradoxal fato é o que redime.²³⁰ Ele se torna o Rei quando crucificado. A morte é na verdade a vida.²³¹

Jesus não morreu apenas por se ter incompatibilizado com os fariseus e mentores do povo de Israel. A sua morte tem sentido mais amplo, já esboçado em profecias do Antigo Testamento que apresentam o Servo Sofredor em resgate dos pecados. [...] Ele veio dar a vida em redenção (*lytron*, em grego) de muitos – o que alude claramente à teologia da expiação proposta em Is 52,13-53,12. A própria Eucaristia dá origem à celebração de um sacrifício de resgate: “*Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos*” (Mc 14,24), afirmação esta que faz eco a Is 53,11: “*O justo, meu servo, justificará a muitos*”.²³²

A consumação sacrificial de Jesus Cristo, aos moldes do Servo Sofredor, é o termo de todo projeto divino de salvar o homem, assim podemos entender que Ele é o mais alto e sublime modo de comunicação de Deus, novo e eterno.²³³ Deste modo, entendemos que Deus não doa simplesmente uma semelhança de si, tal como fizera na criação, nem tampouco apenas uma participação na sua felicidade, “mas doa uma de suas Pessoas, de modo a fazer que determinada criatura humana tenha por sujeito ou por seu próprio eu a segunda Pessoa da SS. Trindade. Não se poderia imaginar mais íntimo modo de comunicação de Deus a nós.”²³⁴ Se a morte está ligada à realidade do pecado, a ressurreição de Jesus é a vitória definitiva sobre o pecado.²³⁵ Agora o véu está rasgado, não há separação nem vergonha, Jesus cumpre o anseio do Pai de permanecer no meio de suas criaturas. A Misericórdia é procedente do Amor.

Agora o homem não precisa esconder-se de Deus como fez Adão; pois Ele pode ser visto por intermédio da natureza humana de Cristo. Cristo não obtém perfeição alguma ao tornar-se homem, nem tampouco perde algo do que tinha como Deus. Havia a onipotência de Deus no mover de seu braço, o amor infinito de Deus nas batidas de seu coração, e a compaixão imensurável de Deus pelos pecadores em seus olhos. Deus está agora manifesto em carne; é isso que chamamos Encarnação. Toda a gama de atributos divinos de poder, bondade, justiça, amor e beleza estavam nele. E, quando Nosso Divino Senhor agia e falava, Deus em sua perfeita natureza se fazia manifesto àqueles que O viam, ouviam e tocavam.²³⁶

A partir de agora trazemos tudo o que precede para colocarmos a ótica da Misericórdia divina. Deus por seu amor tem compaixão de sua criatura e por isso a salva. Quando falamos

²³⁰ Cf. RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. 2ª ed. Tradução de Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta, 2016, pp. 211-216.

²³¹ Cf. RATZINGER, 2015, p. 154.

²³² BETTENCOURT, 2018, pp. 47-48.

²³³ Cf. MÜLLER, Ulrich B. **A encarnação do Filho de Deus: Concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 55.

²³⁴ BETTENCOURT, 2018, p. 211.

²³⁵ Cf. SERENTHÁ, 1986, pp. 398-399.

²³⁶ SHEEN, 2018; vol. I. p. 35.

do amor de Deus, lembramos logo do excelso sacrifício de Jesus Cristo na cruz, da sua paixão e morte e do seu sofrimento. Sendo assim, em Deus o amor e o sofrimento são propriedades de uma única essência. Portanto, sofrer é amar e amar é sofrer, duas realidades que se completam e convergem para o mesmo fim: salvar. O sofrimento é salvífico, porque é por amor.²³⁷ Deus é misericordioso porque por Seu Amor se compadece da criatura humana. “Ele ama o homem, com a intensidade infinita do Seu amor. Por este amor, isto é, pela *união de amor*, Ele tem compaixão do homem pecador.”²³⁸ Jesus Cristo, pelo seu sofrimento redentor revela a misericórdia do Pai. Assim, “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré.”²³⁹

Sofreu porque amou. Entretanto, algo mais deve ser acrescentado. Não era o bastante para o homem amar o outro; se esse sofrimento tinha de ter algum valor, deveria ter algo a oferecer a Deus por nós e essa oferta deveria possuir certa qualidade necessária para ser eficaz. Deveria ser perfeita e eternamente válida. Ele, portanto, tinha de ser Deus e homem, de outro modo a reparação e a redenção do pecador não teria tido valor à vista de Deus.²⁴⁰

Em toda a linguagem bíblica, nos escritos que evidenciam todo o plano de salvação, encontramos que a misericórdia de Deus é sempre o pano de fundo para suas intervenções na história do Povo de Israel.²⁴¹ No Antigo Testamento, o momento explícito da misericórdia divina está intrinsecamente ligado aos eventos do Êxodo, a libertação do cativo egípcio, a Aliança no monte Sinai ou, similarmente, no monte Horeb. Em todos os casos, Deus se revela como o Deus da história, que chama a liberdade e guia essa saída. Deus sempre escuta e vê os clamores do seu Povo, permanece fiel ante a infidelidade e gerando vida apesar da corrupção do Povo Eleito.²⁴² A ofensa a Deus gerada por sua criatura livre sempre precisou de reparação. Por vezes o próprio Deus exortava o povo ao arrependimento e até indicava os caminhos para um verdadeiro arrependimento. Deus nunca quis a morte do pecador.²⁴³ Assim como o pecado entrou na natureza por um único homem e permaneceu como consequência da desobediência, também por um único homem a reparação deveria ser feita, mas um homem

²³⁷ Cf. JOÃO PAULO II. **O Sentido cristão do sofrimento humano:** carta apostólica *Salvifici Doloris*. 11ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009, pp. 23-26.

²³⁸ THANNER, Nathanael. **Deus – “um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor” (Bento XVI).** Revista Filosófico-Teológica *Sapientia Crucis*. Ano X-2009, n. 10, Anápolis-GO, p. 75.

²³⁹ FRANCISCO. **Misericordiae Vultus – O rosto da misericórdia:** bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 3.

²⁴⁰ SHEEN, 2018; vol. I. p. 241.

²⁴¹ Cf. SERENTHÁ, 1986, p. 420.

²⁴² Cf. KASPER, Walter. **A misericórdia:** condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015, pp. 64-65.

²⁴³ Cf. SERENTHÁ, 1986, pp. 426-428.

que também é Deus. Jesus Cristo, portanto, repara definitivamente a desordem e o pecado da natureza humana. Deus salva e redime definitivamente, como consumação do seu plano misericordioso, pelo sacrifício expiatório de Cristo na cruz.²⁴⁴

A revelação da misericórdia divina tem o seu lugar concreto em Jesus de Nazaré. N'ele Deus escolheu-nos por toda a eternidade. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14,9). A carta aos Hebreus afirma que, para ser um sumo sacerdote compassivo e acreditado perante Deus, Jesus tinha de ser semelhante em tudo a nós (cf. Hb 2,17). Ele é o trono da graça, do qual nos podemos aproximar com toda a confiança, a fim de suplicar compaixão e graça (cf. Hb 4,16). Como Filho de Deus encarnado, Jesus Cristo é o trono da misericórdia.²⁴⁵

Toda obra da redenção que tem como ápice a Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, é obra de Amor e Misericórdia. Não há maior prova de amor, senão aquela da cruz. Deus quis dar-se à sua criatura.²⁴⁶ Assim, terminamos esta breve explanação da consumação dos tempos como consumação da Misericórdia de Deus. Tudo é plano de relação, comunicação, uma nova harmonia da criatura com o Criador, a partir da Nova Aliança. Dentre inúmeras formas de terminar um trabalho, preferimos a que melhor evidencia a motivação inicial. Uma simples pergunta, “quem dizeis que eu sou?”, uma divina resposta, então todo o universo rejubila, porque Deus se fez homem e o Messias que reina a partir da cruz resgatou o homem por Misericórdia.

E vós quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15). A pergunta era para todos os que ouviram seus ensinamentos, viram os milagres e foram agraciados até mesmo com o poder de operar milagres em outrem. Essa Câmara Alta não tinha resposta – em parte porque não concordavam entre si; em cinco minutos estariam discutindo. Judas duvidava da sagacidade financeira de Jesus; Filipe duvidava de suas relações com o Pai dos Céus; e todos, mais ou menos, esperavam por algum libertador que poria fim às águias ruidosas de Roma no território deles. Então, sem pedir ou sem consentimento do outros, Pedro adiantou-se e deu a resposta correta final: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!” (Mt 16,16) Pedro confessou que Cristo era o verdadeiro Messias, enviado por Deus para revelar Sua vontade aos homens e cumprir todas as profecias e a lei. Era o Filho de Deus, gerado desde toda a eternidade, mas também o Filho do Homem gerado no tempo – verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Nosso Senhor revelou a Pedro que ele não sabia disso por si mesmo: nenhum estudo ou discernimento natural jamais poderia revelar essa grande verdade.²⁴⁷

²⁴⁴ Cf. THANNER, Nathanael. **O porquê da cruz (II)**. Revista Filosófico-Teológica *Sapientia Crucis*. Ano II-2009, n. 2, Anápolis-GO, pp. 34-35.

²⁴⁵ KASPER, 2015, pp. 143-144.

²⁴⁶ Cf. THANNER, Nathanael. **O porquê da cruz (I)**. Revista Filosófico-Teológica *Sapientia Crucis*. Ano I-2000, n. 1, Anápolis-GO, p. 81.

²⁴⁷ SHEEN, 2018; vol. I. p. 199.

CONCLUSÃO

No caminho que nos propusemos fazer, tínhamos sempre em consideração os aspectos que marcadamente apresentavam a Jesus Cristo como de fato Ele é. Dentre tantas formas de O apresentar e descrever, preferimos apresentar o Cristo da Igreja. Nosso esforço correspondeu um caminho simples e sucinto de como se desenvolveu os dogmas cristológicos e terminamos por evidenciar o projeto salvífico de Deus, ao passo que a cristologia não caminha sem a soteriologia.

Jesus Cristo é o evento histórico que até hoje marca a existência humana. Este evento divide a história da humanidade em antes de Cristo e depois de Cristo. Faz com que milhões busquem o seu exemplo e milhares o tratem como objeto de pesquisa. A arqueologia, a história, e tantas outras ciências estão constantemente voltando ao passado em busca daquele judeu marginal que é fundamento para a compreensão de mundo que temos hoje. Pode parecer muita pretensão de nossa parte, mas os fatos corroboram esta tese. Deste modo, num esforço teológico, tentamos trazer para o ambiente acadêmico, mas especialmente cristão, dados que julgamos relevantes para compreensão de Jesus Cristo e sua obra. Desde a prefiguração no Antigo Testamento até a consumação dos tempos.

Tentamos, com uso de uma linguagem acessível, transparecer que Jesus Cristo, embora o compliquemos por tantos dados, é Deus e por isso é simples. Como assumiu nossa condição, quis se fazer realmente próximo, como o somos dos nossos amigos e entes queridos. A intenção inicial desta monografia, como conclusão de um bacharelado, não foi de elaborar uma tese ou uma espécie de manual, mas nos limitamos em produzir um texto que seja acessível e realmente lido por qualquer que esteja interessado, não apenas da comunidade acadêmica. Isto não quer dizer que não há um trabalho genuinamente acadêmico nas normas que se exigem para uma elaboração como tal, mas que fora direcionado a qualquer leitor interessado.

Falar de Jesus Cristo e seus atributos corresponde um exercício para a vida, por isto, vários caminhos poderiam ser traçados. A forma que estruturamos este tema foi o que melhor encontramos para cumprir com o objetivo almejado. Visto que apresentando as duas naturezas de Jesus Cristo, com referências bíblicas, mostramos os atributos próprios de cada natureza e como elas hipostasiadas fazem de Jesus Cristo uma só Pessoa, a saber, Divina. Não há confusão no Cristo, nem dupla personalidade, mas uma unidade perfeita direcionada para o fim a qual fora gerado, do Pai e de Maria: de Deus e da humanidade. Jesus Cristo não assume tudo o que lhe é próprio sem objetivo. Por isso, anunciado pelos patriarcas e profetas, Jesus

Cristo assume seu lugar de Sacerdote, Profeta e Rei, dando pleno cumprimento a estes três ministérios que nele encontram plenitude. Ele é o Sacerdote por excelência, porque é também a vítima de expiação; é Profeta em plenitude porque é o Verbo Encarnado e é verdadeiro Rei, não só porque da linhagem do grande rei Davi, mas porque o Reino de Deus agora se faz presente. Jesus é a plena consumação da Vontade do Pai, é a realização completa de tudo que Deus fez e falou. Jesus é o rosto visível do Pai, por isto, perto de nós. Ele é a presença de Deus para nós e presença nossa diante de Deus. Em Jesus o Amor ganha face, anda e fala conosco; em Cristo a Misericórdia pode ser tocada para emanar cura e salvação. Completada a sua obra Ele volta para junto do Pai, donde é nosso juiz e defensor, permanece no meio de nós pelo Espírito Santo que procede do Pai e do Filho e, ainda hoje, continua a revelar a plenitude da Consumação dos Tempos.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Karl. **Jesus Cristo**. São Paulo: Quadrante, 1986.
- ADAM, Karl. **Cristo nuestro hermano**. Barcelona: Editorial Herder, 1963.
- AGOSTINHO. **A Trindade**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- ATANÁSIO, **A encarnação do Verbo** 54, 3 (PG 35, 192), in ATANÁSIO. **Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão**. São Paulo: Paulus, 2002 (Patrística 18).
- BENTO XVI. **Audiência Geral: A importância da cristologia - Preexistência e encarnação**. 22/10/2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081022.html>. Acessado em: 22/02/2021.
- BENTO XVI. **Audiência Geral: A importância da cristologia - A decisividade da ressurreição**. 05/11/2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081105.html>. Acessado em: 22/02/2021.
- BETTENCOURT, Estevão. **Curso de Cristologia: Mater Ecclesiae**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.
- BUENAVENTURA. **Obras de San Buenaventura**. Tomo II. Madrid: BAC, 1946.
- CARDEDAL, Olegario González de. **Cristologia**. Madrid: BAC, 2001. [Serie de Manuales de Teología – Sapientia Fidei].
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- CERFAUX, Lucien. **Cristo na Teologia de São Paulo**. Traduzido pelas Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.
- CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Instrução *Donum Veritatis*: Sobre a vocação eclesial do teólogo**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologian-vocation_po.html> Acessado em: 22/02/2021.
- COSTA, Françoá. **Jesus Cristo, o único Salvador: Cristologia-Soteriologia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2019.
- DOYON, P. Jacques. **Cristologia para o nosso tempo**. Tradução de Adailton G. Ferreira, SVD. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.
- DREYFUS, François. **Jesus sabia que era Deus?** São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- DUQUOC, Christian. **Cristologia: ensaio dogmático I – O homem Jesus**. Tradução de Atico Fassini. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

DUQUOC, Christian. **Cristologia**: ensaio dogmático II – O Messias. Tradução de Atico Fassini. São Paulo: Edições Loyola, 1980.

ESCRIVÁ, Josemaría. **É Cristo que passa**: homilias. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Edições Quadrante, 1973.

FRANCISCO. **Misericordiar Vultus – O rosto da misericórdia**: bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.

GAUDIUM ET SPES. Constituição Pastoral In DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2002.

JOÃO PAULO II. **O Sentido cristão do sofrimento humano**: carta apostólica *Salvifici Doloris*. 11ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

LÉON-DUFOUR, Xavier. **Os Evangelhos e a História de Jesus**. Tradução de Ângelo José Busnardo. São Paulo: Edições Paulinas, 1972.

MATERA, Frank J. **Cristologia narrativa do Novo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 2003

MAGNO, Leão. **Sermões**. [Patrística] São Paulo: Paulus, 1996.

MÜLLER, Ulrich B. **A encarnação do Filho de Deus**: Concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo. São Paulo: Edições Loyola, 2004

OCÁRIZ, Fernando; MATEO-SECO, Lucas; RUESTA, José Antônio. **El misterio de Jesucristo**. 3ª ed. Pamplona: EUNSA, 2004.

PADRES APOSTÓLICOS. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. [Patrística]

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré**: A infância. 2ª ed. Tradução de Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta, 2018.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré**: Do Batismo no Jordão à Transfiguração. 2ª ed. Tradução de José Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta, 2017.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré**: Da Entrada em Jerusalém até a Ressurreição. 2ª ed. Tradução de Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta, 2016.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo** – Preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SANTOS, Luis Alberto Ruas. **Um monge que se impôs a seu tempo**: pequena introdução com antologia à vida e obra de São Bernardo de Claraval. São Paulo: Musa Editora; Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi do Mosteiro de São Bento, 2001.

SERENTHÀ, Mario. **Jesus Cristo ontem, hoje e sempre**: Ensaio de cristologia. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1986.

SHEEN, Fulton J. **Vida de Cristo**. Tradução de Márcia Xavier de Brito, William Campos da Cruz. Rio de Janeiro: Petra, 2018; vol. I.

SHEEN, Fulton J. **Vida de Cristo**. Tradução de Márcia Xavier de Brito, William Campos da Cruz. Rio de Janeiro: Petra, 2018; vol. II.

THANNER, Nathanael. **Deus – “um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor” (Bento XVI)**. Revista Filosófico-Teológica *Sapientia Crucis*. Ano X-2009, n. 10, Anápolis-GO.

THANNER, Nathanael. **O porquê da cruz (I)**. Revista Filosófico-Teológica *Sapientia Crucis*. Ano I-2000, n. 1, Anápolis-GO.

THANNER, Nathanael. **O porquê da cruz (II)**. Revista Filosófico-Teológica *Sapientia Crucis*. Ano II-2009, n. 2, Anápolis-GO.

KASPER, Walter. **A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.